



Conflitos imagéticos e discursivos na imprensa ilustrado-humorística sul-rio-grandense

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

87



UNIVERSIDADE
ABERTA
www.uab.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



Conflitos imagéticos e discursivos na imprensa ilustrado- humorística sul-rio- grandense



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Conflitos imagéticos e discursivos na imprensa ilustrado-humorística sul-rio-grandense



CIPSH
INTERNATIONAL COUNCIL FOR PHILOSOPHY AND HUMAN SCIENCES
CONSEIL INTERNATIONAL DE PHILOSOPHIE ET DES SCIENCES HUMAINES

UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt



**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**

2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2024

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Conflitos imagéticos e discursivos na imprensa ilustrado-humorística sul-rio-grandense
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 87
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Novembro de 2024

ISBN – 978-65-5306-011-1

CAPA: O SÉCULO. Porto Alegre, 20 jan. 1884.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

Apresentação

Os conflitos políticos, partidários e ideológicos constituíram uma constante na formação histórica sul-rio-grandense, em grande parte caracterizada por bipolarizações. Tais confrontos encontrariam na imprensa um veículo fundamental de difusão, no sentido de legitimar as atitudes e palavras dos aliados e deslegitimar as ações e discursos dos adversários. O conflito expresso por meio das páginas dos jornais revela a existência de dois contextos discursivos antagônicos, no qual os interlocutores se constituem como dois lugares sociais com igual poder de palavra, mas adversários. Nesse sentido, esses dois contextos colidentes se remetem a discursos em algum sentido em conflito e, nessas circunstâncias, a relação enunciativa se desenvolve como uma luta pela hegemonia de um deles¹.

Esse tipo de enfrentamento envolve a oposição de pessoas ou ações, constituindo em si a luta que decorre do jogo de forças opostas, abrangendo ideias, interesses e vontades². As ações conflituosas trazem consigo processos de atrito, choque e combate, vindo a designar a oposição e/ou a luta entre duas forças ou personagens, de maneira que, a partir deles, a ação se organiza e

¹ MARTINS, Eleni J. *Enunciação & diálogo*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990. p. 180-181.

² SHAW, Harry. *Dicionário de termos literários*. Lisboa: Dom Quixote, 1978. p. 116.

progride até o desfecho, o qual pode corresponder à solução do litígio entre as partes³, ou ainda ao agravamento do mesmo. À época da transição entre a Monarquia e a República, o Rio Grande do Sul viveu um período extremamente conturbado, o qual redundaria inclusive em uma guerra civil, em quadro no qual o jornalismo teve um papel fundamental como arma de combate⁴. Em tal conjuntura a imprensa ilustrada e humorística também teve uma atuação destacada e este livro realiza três estudos de caso envolvendo temas abordados pelo porto-alegrense *O Século*, o pelotense *A Ventarola* e o rio-grandino *Bisturi*.

³ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12.ed. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 95.

⁴ A respeito da passagem da Monarquia à República no contexto gaúcho, ver: ALVES, Francisco das Neves. *Revolução Federalista: história & historiografia*. FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época*. 2.ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1988.; FRANCO, Sérgio da Costa. *A Guerra Civil de 1893*. 2.ed. Porto Alegre: Renascença; Edigal, 2012.; PINTO, Céli Regina J. *Positivismo: um projeto político alternativo (RS: 1889-1930)*. Porto Alegre: L&PM, 1986.; TRINDADE, Hégio. Aspectos políticos do sistema partidário republicano sul-rio-grandense (1882-1937). In: DACANAL, José Hildebrando & GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS: economia e política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. p. 119-144.

SUMÁRIO

O *Século* e a ojeriza ao nascente republicanismo / 13

A folha republicana *A Ventarola* e seu olhar antimonárquico personificado na figura da princesa Isabel / 31

D. Pedro II sob o olhar do *Bisturi*: da oposição à admiração / 59

Construção e desconstrução da imagem de Deodoro da Fonseca nas páginas do *Bisturi*: de ídolo a adversário (1889-1891) / 73

***O Século* e a ojeriza ao nascente republicanismo**

O periódico ilustrado e humorístico *O Século* foi editado em Porto Alegre, entre 1880 e 1893. Constituiu uma publicação monarquista e conservadora, hostilizando duramente os liberais e os republicanos⁵. Ao apresentar-se, dizia que, sem títulos que o recomendassem, mas aspirando a nobres e elevados fins, pretendia enfrentar os obstáculos que se antepusessem à sua trilha. Dirigia-se “ao público” para demarcar que trataria de todos os assuntos com imparcialidade e critério, proporcionando aos seus favorecedores uma leitura variada e útil, circunscrita aos limites da boa moral. Além disso, declarava ter fé no porvir, esperando assegurar o seu posto no jornalismo provincial (*O SÉCULO*, 11 nov. 1880). Obteve significativa receptividade pública⁶ e teve por base as tiradas chistosas, por vezes associadas ao escárnio e à crítica profunda, levando bem longe suas cutiladas. Esteve entre os mais longevos e, dentre os caricatos, foi o de maior tiragem e circulação da província e muito de seu êxito esteve ligado ao olhar ferino que lançava sobre a sociedade. Sua melhor fase estendeu-se desde a

⁵ FRANCO, Sérgio da Costa. *Dicionário político do Rio Grande do Sul (1821-1937)*. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2010. p. 192.

⁶ RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. 3.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 41.

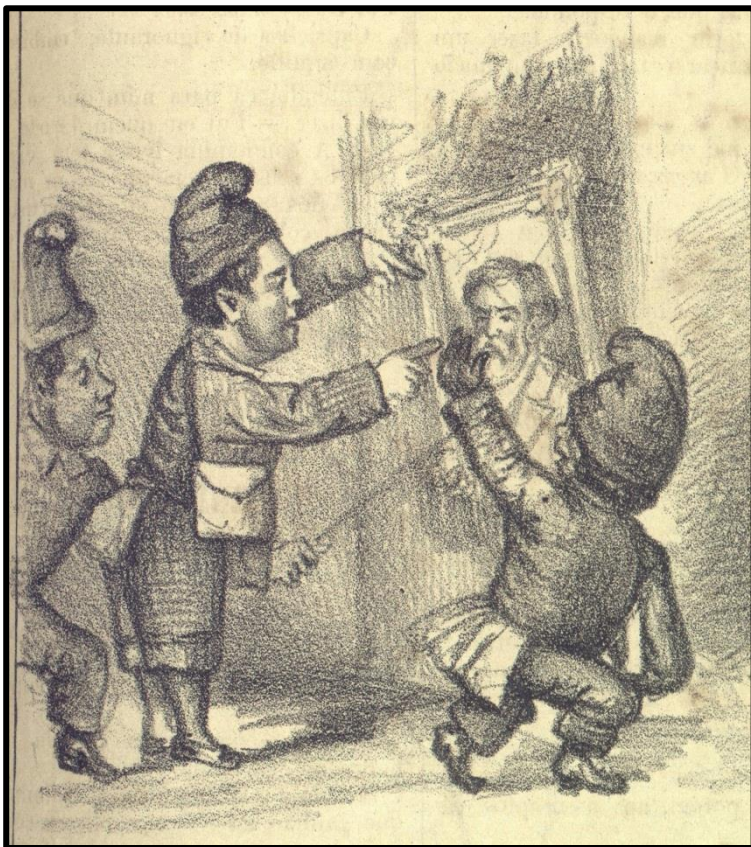
fundação até 1884, pois, depois disso, ainda teria vários anos de vida, mas apenas como folha literária, crítica e noticiosa, ou seja, sem o apreciado e indispensável complemento da charge⁷.

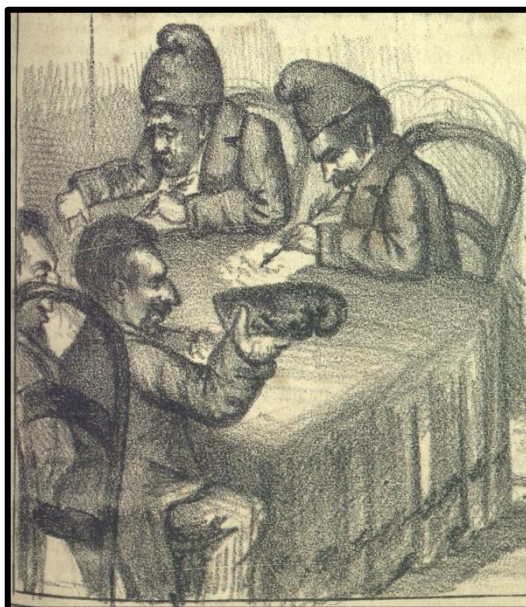
O *Século*, enquanto publicação ilustrada, acompanhou *pari-passu* a gênese do movimento republicano sul-rio-grandense, movendo-lhe pesada oposição. A primeira incursão do semanário ilustrado contra os antimonárquicos deu-se em um conjunto de caricaturas que mostrava os republicanos com seus barretes frígios, ainda crianças, atentando contra um retrato de D. Pedro II, com a constatação de que “ainda não conhecem o A, B, C, e já sabem xingar o rei”. Em seguida, eles, já chegando à idade adulta, debatiam na tribuna, em figura acompanhada pela legenda: “A xingação cresce com a idade e com o desbragamento...”. Os sectários do ideário republicano apareciam também atuando na redação de jornais, com a indicação de que, “da tribuna à imprensa recrudesce a xingação. São os *demônios* tentando a Cristo!!...”. De acordo com suas convicções, o periódico imaginava uma virada na atuação daquele grupo, desde que o imperador viesse a oferecer-lhes um osso, dizendo a folha que “agora mudam-se as cenas”, pois “é Cristo tentando os

⁷ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 90-125. Sobre O *Século*, ver: ALVES, Francisco das Neves. *A mulher e o casamento nas páginas do hebdomadário gaúcho O Século*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019. p. 7-8.; e ALVES, Francisco das Neves. *A mulher transmutada em símbolo no periodismo caricato porto-alegrense do século XIX*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 40-41.

CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

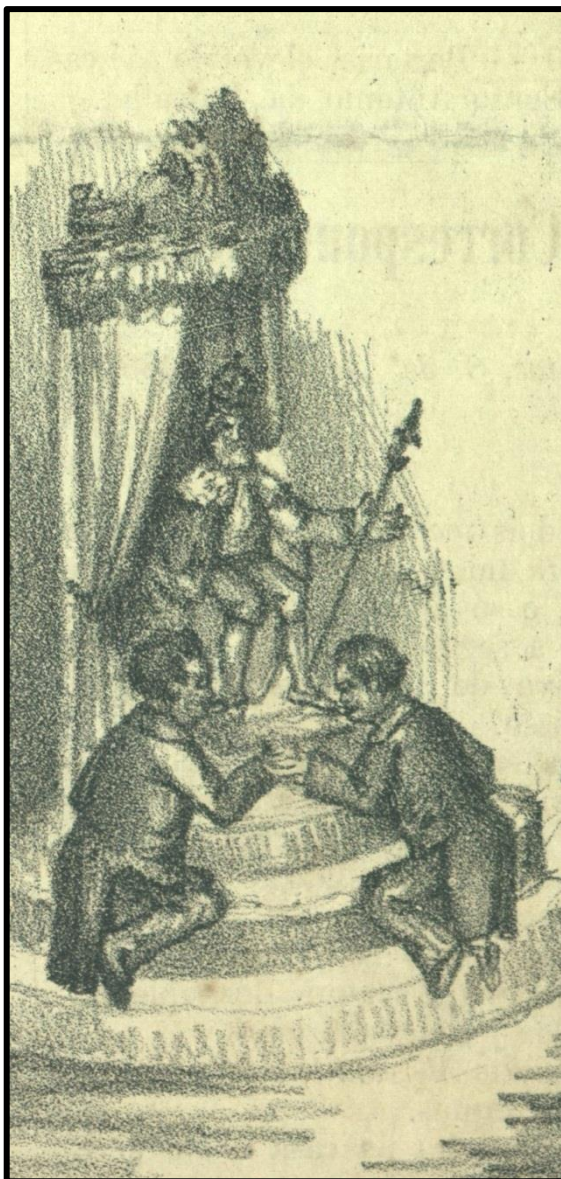
demônios”, diante do que estariam ali “os republicanos vencidos”, ajoelhados diante do trono, a beijar os pés de Pedro II. Representados como cães famintos, os defensores do republicanismo, sob o controle imperial, devoravam ossos, uma vez que estariam “convencidos”. Nesse sentido, o hebdomadário intentava demonstrar que o movimento republicano seria venal e pouco afeito a seguir ideais (O SÉCULO, 14 ago. 1881).



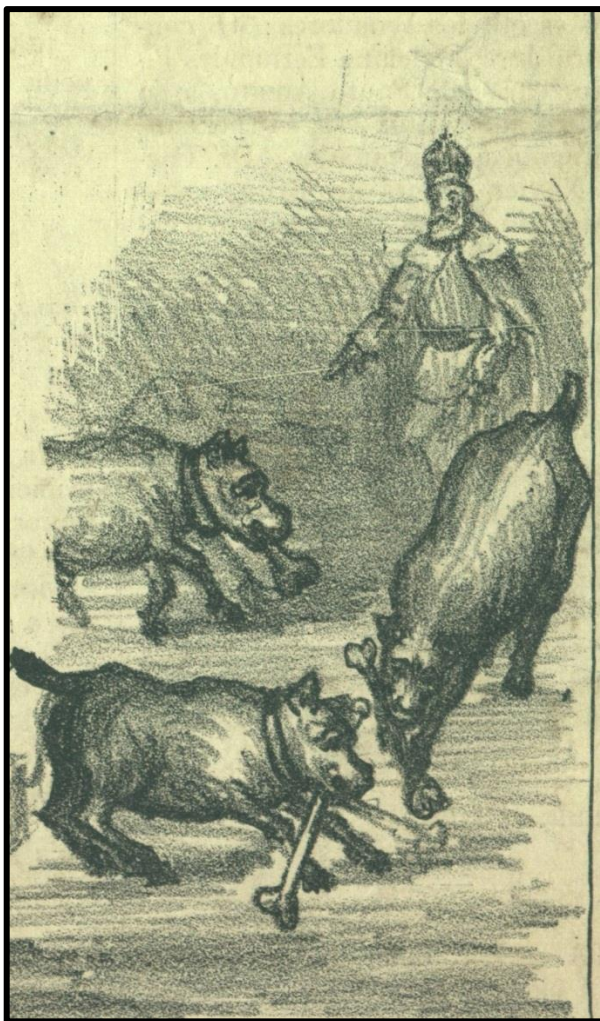


CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA
ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE





CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA
ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

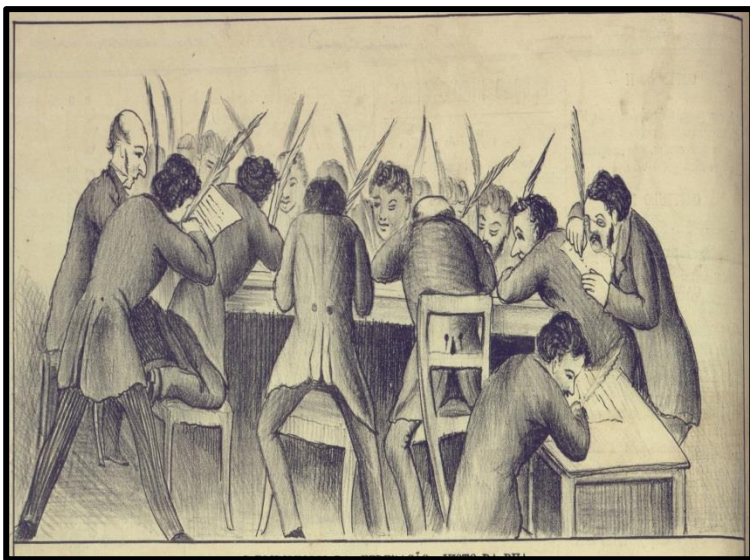


Em uma nova referência, *O Século* mostrava um personagem de barrete frígio montando um castelo de cartas, em alusão a um movimento político sem os devidos alicerces, como o periódico observava o

republicanismo. Diante disso, a folha caricata apontava que “o partido republicano rio-grandense forma castelos”, e comentava: “Coitado! *Em la esperanza vive el hombre, hasta que muere*” (O SÉCULO, 2 set. 1883). As críticas também se direcionavam ao jornal que constituía a voz dos republicanos gaúchos, *A Federação*, acusando que a publicação tinha um número exagerado de membros na redação, o qual poderia ser até superior ao de favorecedores. Nessa linha, apresentava “o escritório da *Federação* visto da rua”, constatando que “se o número de assinantes corresponder ao de redatores, é a primeira empresa do país” (O SÉCULO, 13 jan. 1884).



CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

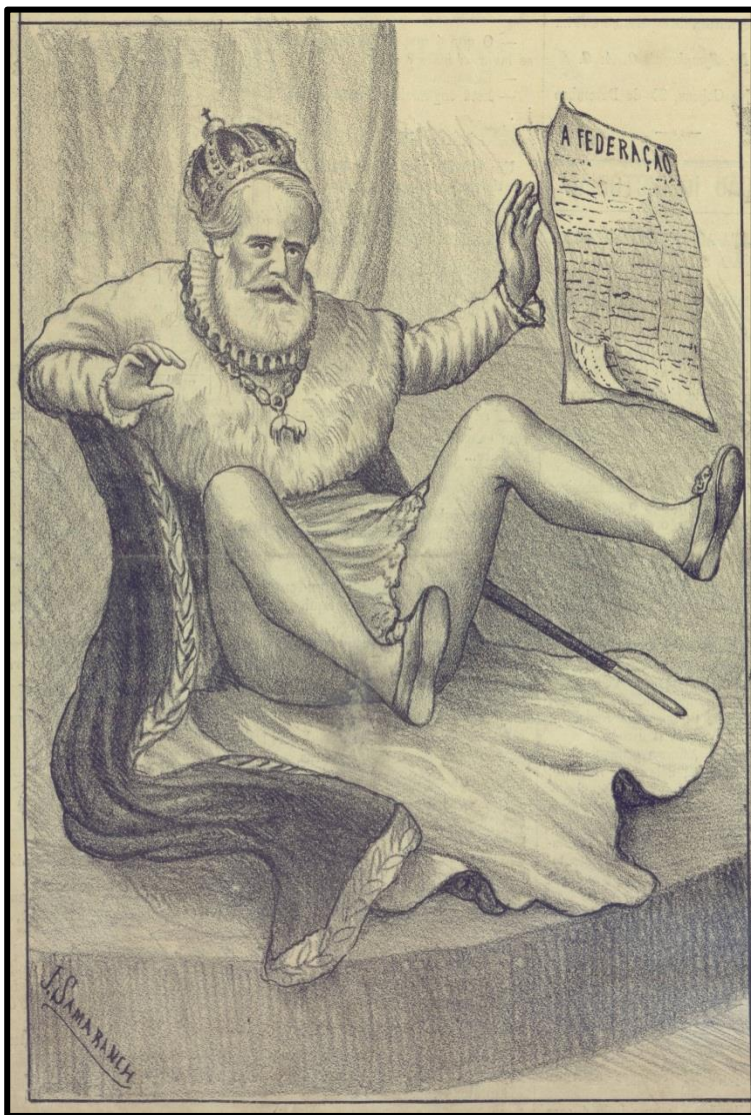


O periódico vinculado ao republicanismo rio-grandense-do-sul foi mais uma vez o alvo dos ataques de *O Século*. Nesse quadro, o republicano era retratado como um cavaleiro medieval quixotesco que, de lança em riste, ao invés de moinhos atacava uma coroa profundamente encravada em uma rocha. O semanário fazia troça com os antimonárquicos e o jornal que escreviam, considerando que eles não teriam qualquer condição de ameaçar a forma de governo vigente, tanto que dizia com ironia: “A *Federação*, sem dó nem piedade, tem investido contra a coroa. Vai tudo raso! Vai ser mesmo uma calamidade!...”. Mantendo o tom irônico, a folha ilustrada sugeria que ao ler a *Federação*, D. Pedro II assustara-se tanto que chegara a cair do trono, com a descrição de que: “o imperador, ao receber o primeiro número da dita, teve um tal choque que caiu

redondamente, batendo com a *dignidade* no chão". Ainda expressando-se sarcasticamente o hebdomadário mostrava que o receio do mandatário nacional fora tão grande ao ler a publicação republicana gaúcha, que decidira fugir do país, constatando *O Século*: "E ao levantar-se tratou logo de arrumar os bitates e pôr-se prontinho para seguir viagem... Pobre império!"; vindo a concluir: "E esta *Federação* tão má que não tem pena da Monarquia!!" (*O SÉCULO*, 20 jan. 1884).



CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA
ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE



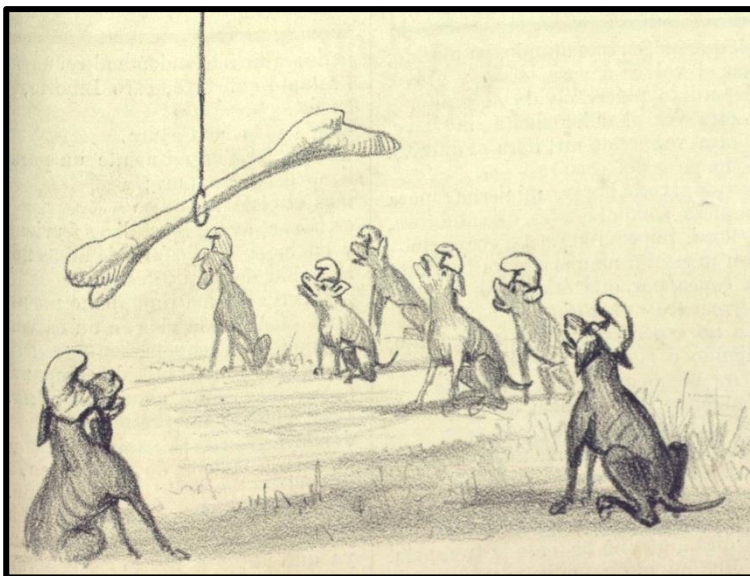


CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

Em meio a um conjunto caricatural tratando de diversas temáticas, a folha ilustrada e humorística porto-alegrense voltava mais uma vez seu olhar crítico para com o jornal do republicanismo gaúcho, criando um imaginário escudo para o mesmo, composto de uma pena, um tacape e uma dentadura, em alusão ao símbolo do próprio jornalismo, mas também quanto aquilo que considerava como as manifestações violentas e autoritárias e o caráter risível das matérias publicadas no periódico antimonárquico. Em relação a isso, o semanário anunciava: “O brasão de armas do fiscal honorário da *Federação*”(O SÉCULO, 1º fev. 1884). Já ao final da fase ilustrada de *O Século*, ele chegava a demarcar sua desilusão para com ambos os partidos imperiais, considerando que cada qual sempre agia em defesa de interesses próprios e não nacionais. Ainda assim, as críticas aos membros do partido republicano rio-grandense não deixavam de existir, representando-os por cães de barrete, que se encontravam famintos e ávidos por roer o osso das verbas públicas. Diante disso, comentava: “Estes, os de barrete frígio, são tão bons e mansos como os outros; fazem, porém, mais bulha porque estão varados, sequinhos pelo osso”; mas arrematava, continuando a acreditar que o republicanismo não seria vencedor, ao constatar: “Nunca lhe meterão o dente!...” (O SÉCULO, 16 nov. 1884).



CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA
ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE



O crédito de *O Século* na permanência da Monarquia foi mais uma vez representado na sua capa, ao mostrar uma coroa profundamente enraizada, com a presença de cinco figuras masculinas, designando os republicanos, e uma feminina, simbolizando o jornal *Federação*, utilizando-se de ferramentas e utensílios para tentar derrubar a simbologia monárquica, como serrote, machado, corda, picareta, entre outras, além das próprias mãos, mas sem qualquer sucesso em seu intento. Tal cena era acompanhada da legenda: “No Brasil e, sobretudo, no Rio Grande do Sul, a Monarquia tem se enraizado por tal forma que os demolidores nada conseguiram, por mais que se esbaforirem”; constando finalmente que: “É tempo perdido; é malhar em ferro frio. Damo-lhes, portanto, um conselho de amigo - outro ofício” (O SÉCULO, 14 dez. 1884).



CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

Assim, manifestando seus pendores conservadores e monárquicos, *O Século* observou o nascedouro do republicanismo sul-rio-grandense sob uma óptica profundamente negativa. Segundo o semanário, os republicanos seriam inexperientes, incapazes e ineficientes, de modo que não teriam condições de vir a ocupar o controle do aparelho do Estado. Sustentava que a Monarquia tinha alicerces profundos que não seriam ameaçados por seus inimigos, desqualificando-os plenamente. Os defensores do ideal republicano e do jornal que sustentavam, a *Federação*, eram apontados como ineficazes em seu papel de buscar o derruir da forma monárquica de governo. Desse modo, o hebdomadário não poupou esforços para desqualificar os sectários dos valores republicanos, tornando-os alvos de seus ataques por meio de suas construções discursivas e imagéticas.

A folha republicana *A Ventarola* e seu olhar antimonárquico personificado na figura da princesa Isabel

Na cidade de Pelotas foi editado o semanário *A Ventarola*⁸, que circulou entre 1887 e 1890. Em seu cabeçalho, apresentava-se como folha ilustrada e humorística e mostrava em primeiro plano o próprio objeto da ventarola, além de várias alegorias alusivas ao humor, inclusive o bobo da corte, que além do crayon, também portava o leque sem varetas que dava título ao periódico. Seu programa foi expresso por meio de versos e deixava evidenciada sua tendência crítica, humorada e incisiva, ao dizer que manteria “com açúcar seu crayon adocicando” e “em alfinete a pena convertendo”, de modo a seguir o “prolóquio *Castigat mores ridendo*” (*A VENTAROLA*, 10 abr. 1887).

Nas páginas de *A Ventarola* a propaganda republicana encontrava ressoante e demorada acústica, sem que ela fizesse o menor mistério das tendências

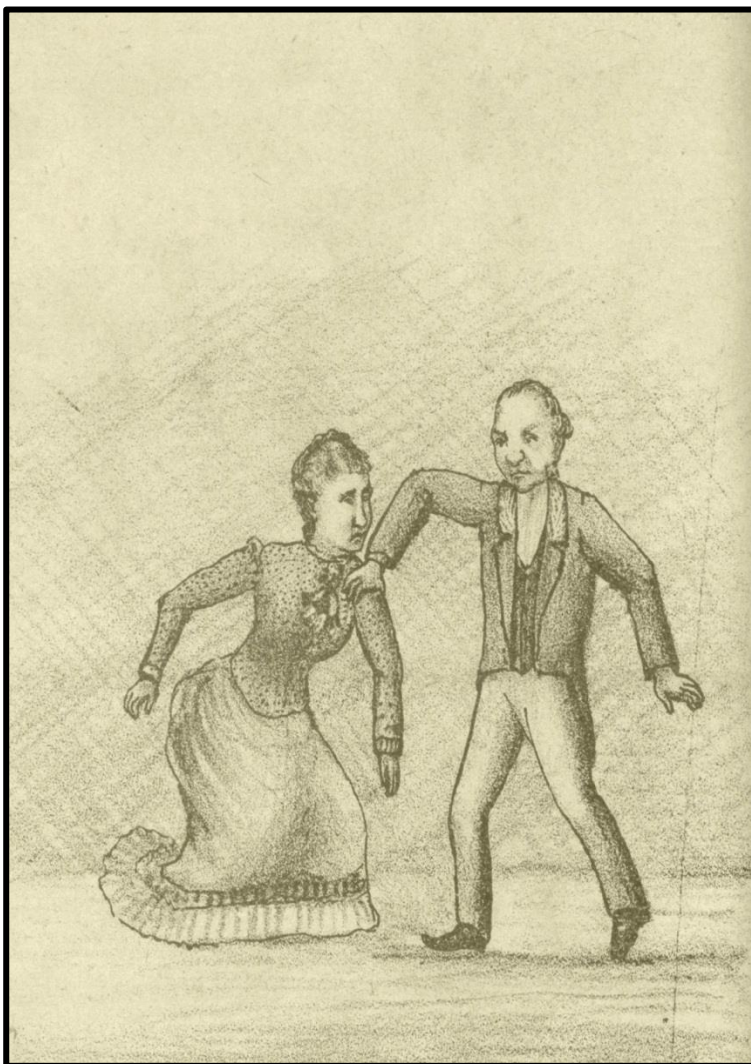
⁸ Acerca de *A Ventarola*, ver: ALVES, Francisco das Neves. *A mulher e a caricatura no Rio Grande do Sul: três estudos de caso*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019. p. 66-69; e ALVES, Francisco das Neves. *A mulher transmutada em símbolo no periodismo caricato porto-alegrense do século XIX*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 45-46.

antimonárquicas, com que buscava inspirar e nutrir seus leitores⁹. Nessa linha, o semanário sustentou fortes embates contra a Monarquia, a qual recorrentemente foi personalizada na figura da princesa Isabel, que assumiu o trono por diversas vezes, na ausência do imperador. Como membro da família imperial e sucessora imediata de D. Pedro II, a princesa tornou-se um dos principais alvos do republicanismo brasileiro e a folha pelotense daria voz a esse antagonismo.

De acordo com tal perspectiva, *A Ventarola* mostrava Isabel sendo pressionada por um político que exigia mudanças no gabinete. A folha intentava demonstrar aquilo que considerava como uma fraqueza da princesa, a qual se encontrava curvada e submetida ao parlamentar, que “estava *fazendo pressão* sobre S. A. Imperial, a fim de haver uma nova reorganização ministerial”, denotando assim aquilo que considerava como uma fraqueza da representante monárquica. Em outra cena do conjunto caricatural, ela aparecia sozinha em uma sala, refletindo sobre o ocorrido, frente ao que o periódico afirmava com ironia: “Ninguém acreditou em semelhante *pressão* e todos esperavam que S. A. manifestasse toda a *pujança* de sua *energia*”, o que viria a não ocorrer (*A VENTAROLA*, 31 jul. 1887). Em outro momento, Isabel recebia um visitante, que estranhava a passagem do “dia de seus anos”, sem nenhuma “carta de liberdade”, acusando a tendência de procrastinação governamental no que tange ao abolicionismo (*A VENTAROLA*, 14 ago. 1887).

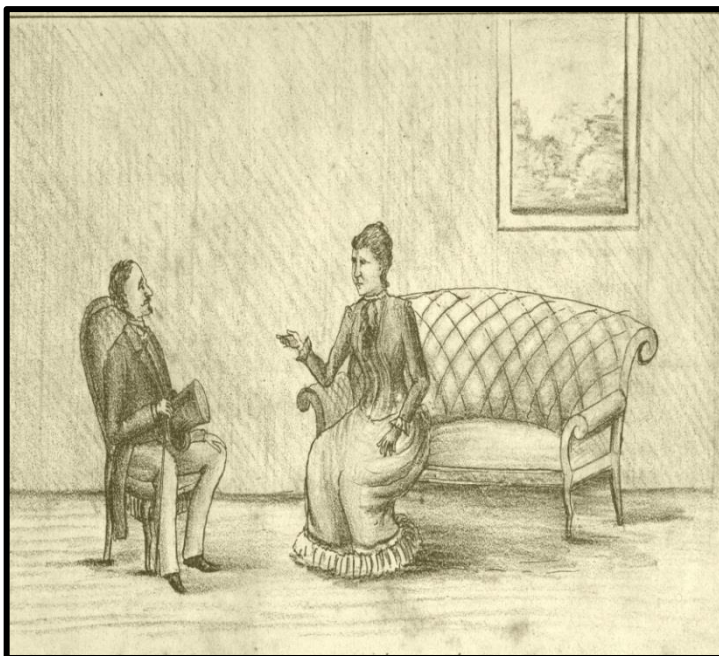
⁹ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 217.

CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA
ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE





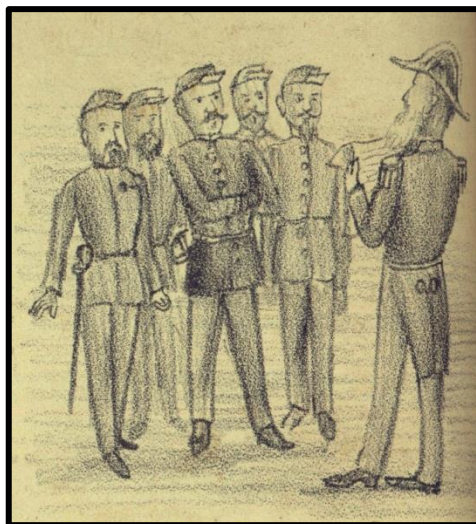
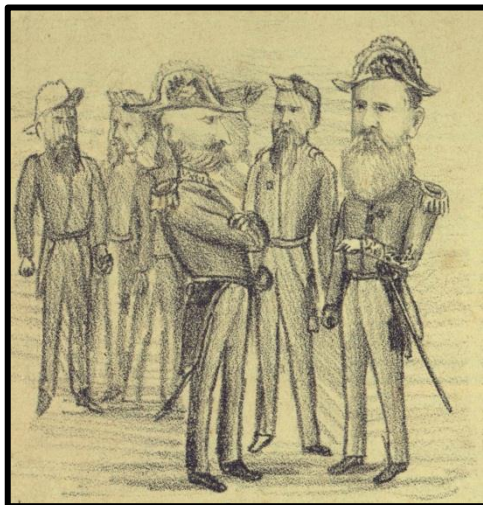
CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE



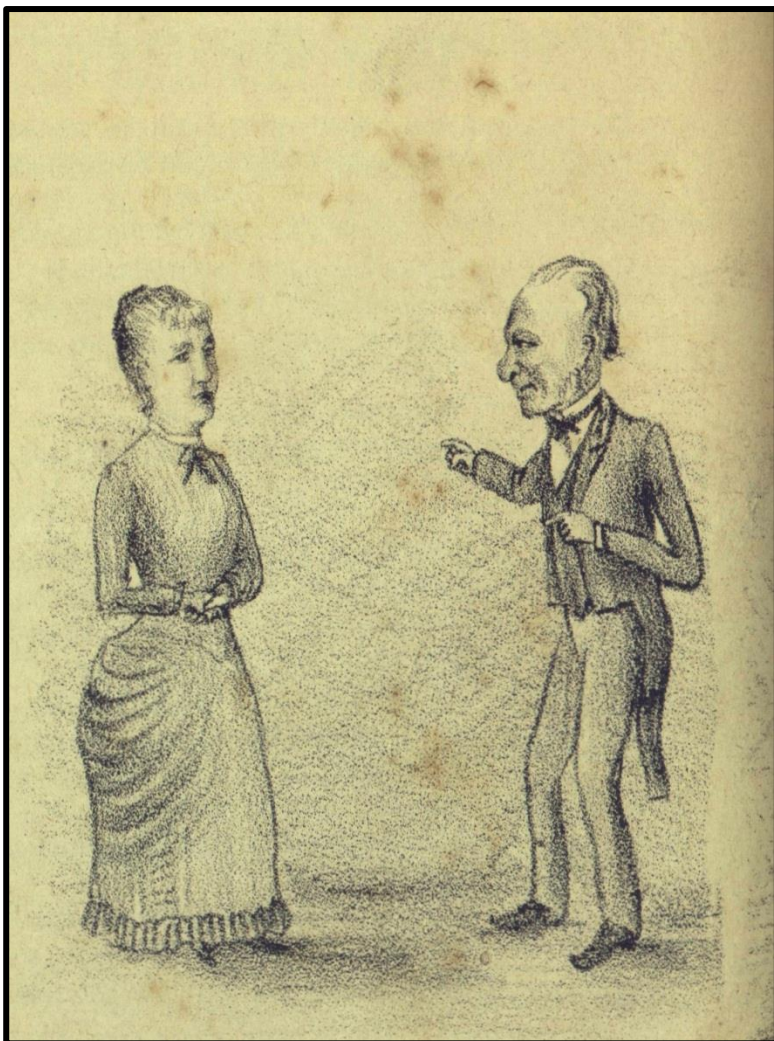
Perante a manifestação dos militares, contrárias ao papel que o império estaria lhes reservando de resgatar escravos fugidos, declarando eles, liderados por Deodoro da Fonseca, que não executariam a função de “capitão do mato”, o periódico questionava qual seria a posição adotada pela “sereníssima senhora D. Isabel”. No encerramento dos desenhos, ela ouvia os conselhos do chefe do gabinete, Barão de Cotegipe, que propunha a realização de manobras evasivas, como o deslocamento de algumas das lideranças militares para lugares longínquos. Tal solução acabaria por não ser eficaz e, diante da queixa de Isabel, o político dizia para ela que deixasse por sua conta que daria um jeito em tal percalço, ficando mais uma vez demarcada a visão do

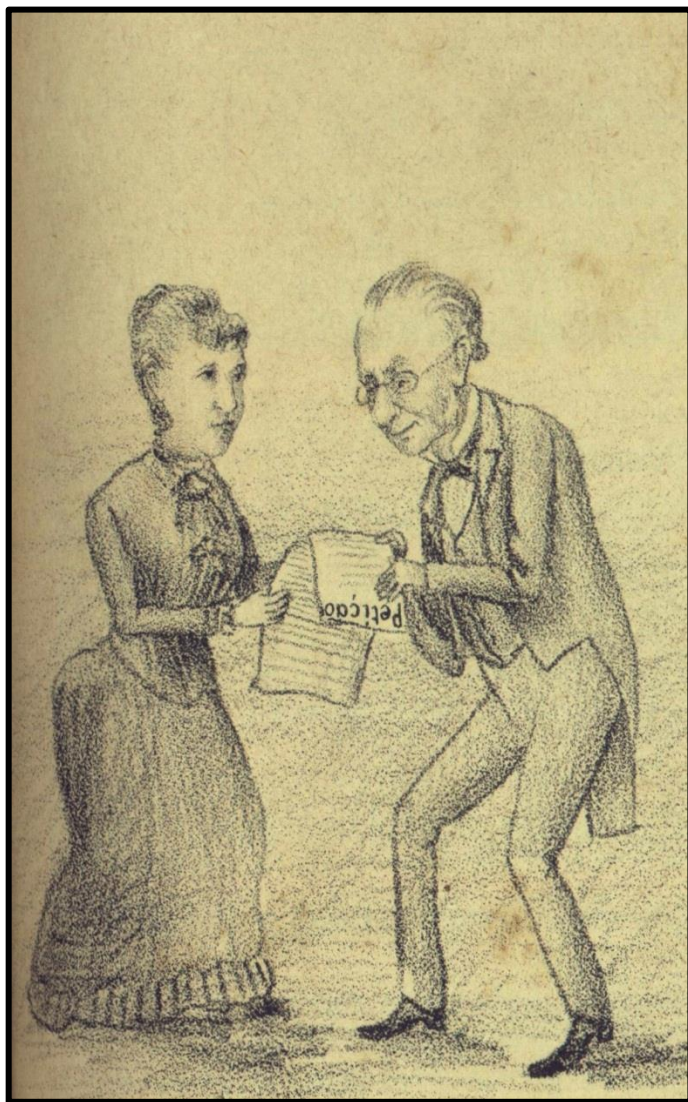
FRANCISCO DAS NEVES ALVES

semanário quanto à incapacidade da princesa (A VENTAROLA, 20 nov. 1887).



CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA
ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

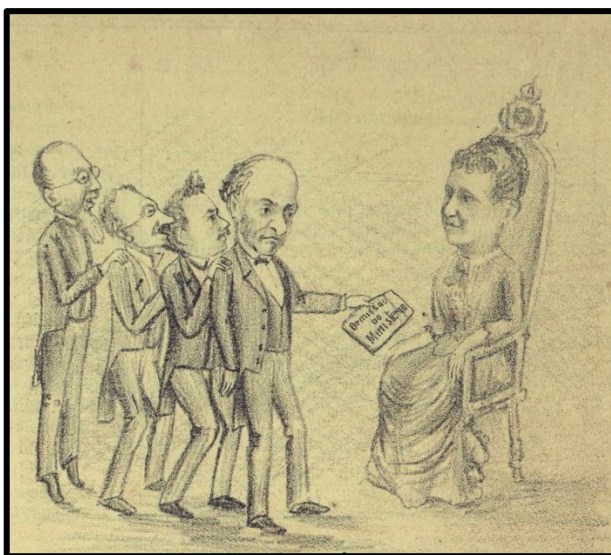




CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

A falta de medidas mais efetivas para a extinção da escravidão era mais uma vez denunciada pela folha pelotense, ao trazer gravura com Isabel conduzindo uma carroça puxada por homens públicos, transmutados em bois, um deles com a aparência plenamente zoomórfica e o outro de maneira mista, com cabeça humana e corpo de animal. Nessa linha, o periódico ilustrado reclamava que o governo não vinha alterando nem “uma vírgula” na legislação abolicionista (A VENTAROLA, 12 fev. 1888). Diante das dificuldades do gabinete, o periódico trazia ilustração em que Cotegipe e os demais membros do ministério se apresentavam diante da princesa, para pedir o seu desligamento, com a afirmação de que “o governo, reconhecendo que lhe falta o prestígio, a popularidade e a adesão do exército”, solicitara ao “poder moderador a sua demissão” (A VENTAROLA, 11 mar. 1888). “A Fala do Trono”, ocasião em que o governante discursava no parlamento na abertura dos trabalhos, servia para que *A Ventarola* insistisse na perspectiva do abolicionismo. Para tanto, mostrava Isabel, com a coroa e diante do trono, a proferir sua fala que, supostamente, seria favorável à causa abolicionista, embora o periódico colocasse certa ironia e incerteza em tal manifestação, estando ela a estender a mão em direção aos cativos que se faziam presentes na cena, ao passo que, em contraposição, do outro lado do cenário, os parlamentares se mostravam enfadados em ter de discutir aquele tipo de assunto. Ao descrever o desenho, o hebdomadário dizia com certo sarcasmo: “Aos patriotas não surpreendeu esta nobre atitude de S. A. a princesa imperial e o governo”, tendo ela chegado “à conclusão de que a época era chegada para acabar-se de

vez com esta eterna vergonha" (A VENTAROLA, 1º maio 1888).



CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE



Uma das mais negativas imputações com a qual o republicanismo buscava desqualificar Isabel era vinculada ao que denominavam como o seu “jesuitismo”, ou seja, a sua inexorável fé religiosa, o que, na concepção de tal movimento, poderia significar uma maior influência da Igreja nos destinos do Estado. Nessa linha, a princesa era apresentada entregando condecorações para clérigos, sendo a cena descrita por meio de versinhos: “A fim de dar expansão/ À sua imensa bondade,/ Sua Alteza Imperial/ Dá títulos a mais de um frade”. Tentando demonstrar aquilo que considerava como espúria relação entre religião e política, o periódico destacava que, em troca das tais

comendas, o próprio papa teria mandado premiar a princesa (A VENTAROLA, 27 maio 1888).



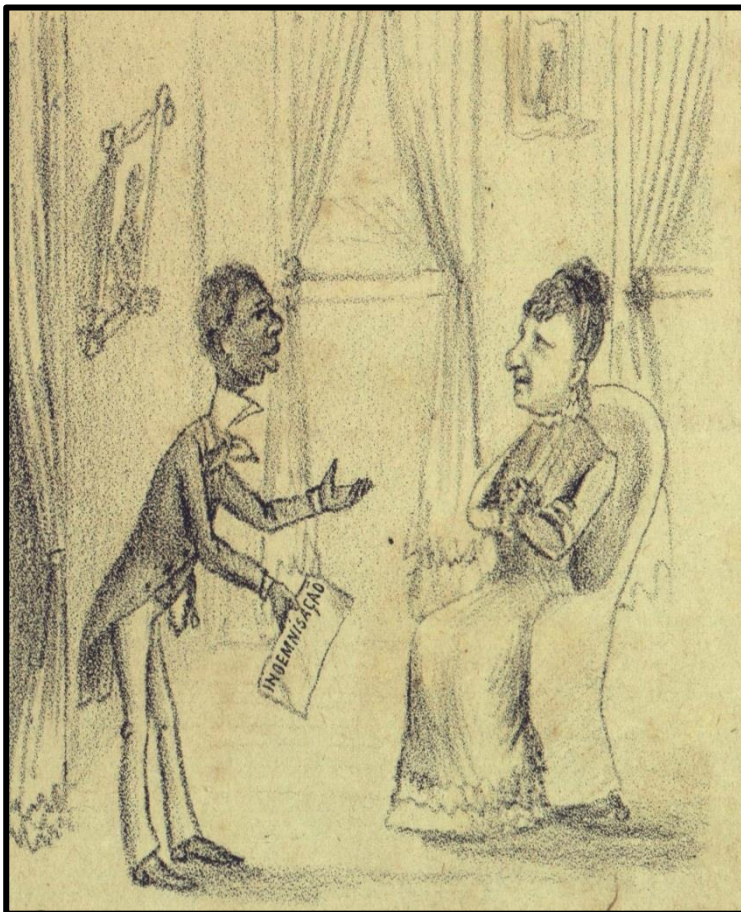
CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA
ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE



No momento em que a grande discussão que tomava conta da conjuntura nacional era a questão da indenização exigida pelos antigos proprietários, para, segundo eles, compensar as perdas ocorridas a partir da abolição, *A Ventarola* mostrava um lado que se tornou obscuro com o fim da escravidão, vinculado à reintegração social do liberto, a qual sequer transformou-se em uma pauta mais relevante do governo. Nesse sentido, o periódico mostrava um escravo libertado que levava à princesa um pedido de indenização, sob o argumento de que: “O que é justo e equitativo é que o indenizado seja o negro, por aqueles que lhe roubaram a liberdade e que à sua custa enriqueceram” (A VENTAROLA, 3 jun. 1888). As críticas do semanário também se direcionavam ao próprio jornalismo, como ao apontar que um “colega” de imprensa teria pedido para Isabel a concessão de um título nobiliárquico a um indivíduo, tendo em vista os “grandes serviços prestados à causa abolicionista” (A VENTAROLA, 10 jun. 1888). Em outra caricatura, o índio – representação do povo brasileiro – pedia à Isabel providências para beneficiar a lavoura e a indústria nacional, representadas por duas figuras femininas (A VENTAROLA, 17 jun. 1888). Frente à crise política gerada a partir da abolição, com o desagrado daqueles que teriam perdido seus escravos sem indenizações, *A Ventarola* mostrava que as atitudes governamentais eram mais uma vez evasivas, optando por jogar com a vaidade dos oligarcas, ao promover uma ampla distribuição de comendas em várias partes do império. Nesse quadro, o “índio-Brasil” aparecia com o peito repleto de medalhas, diante do que o periódico comentava: “Pobre país creia que todas essas honras não

CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA
ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

servem se não para te tornar cada vez mais ridículo” (A
VENTAROLA, 24 jun. 1888).

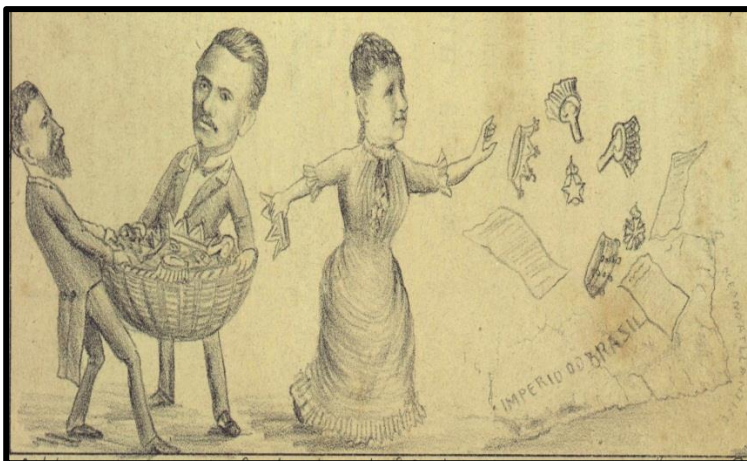




CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA
ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

O olhar crítico da publicação ilustrada pelotense teve como outro de seus alvos o político Joaquim Nabuco, que defendera o ideal abolicionista, sem necessariamente vincular tal prática com o republicanismo. Nesse sentido, a folha dizia que Nabuco perdera “completamente a cabeça”, apresentando desenho em que o personagem encontrava-se com a cabeça desaparafusada do resto do corpo. O semanário discordava das posições de Joaquim Nabuco quanto ao papel que atribuía à princesa Isabel como “redentora” e “reivindicadora da raça” negra, por ter sido ela a governante que assinou a Lei Áurea, em um quadro pelo qual, já com a cabeça em parte aparafusada no corpo, o político estendia as mãos para enaltecer Isabel (A VENTAROLA, 18 nov. 1888).

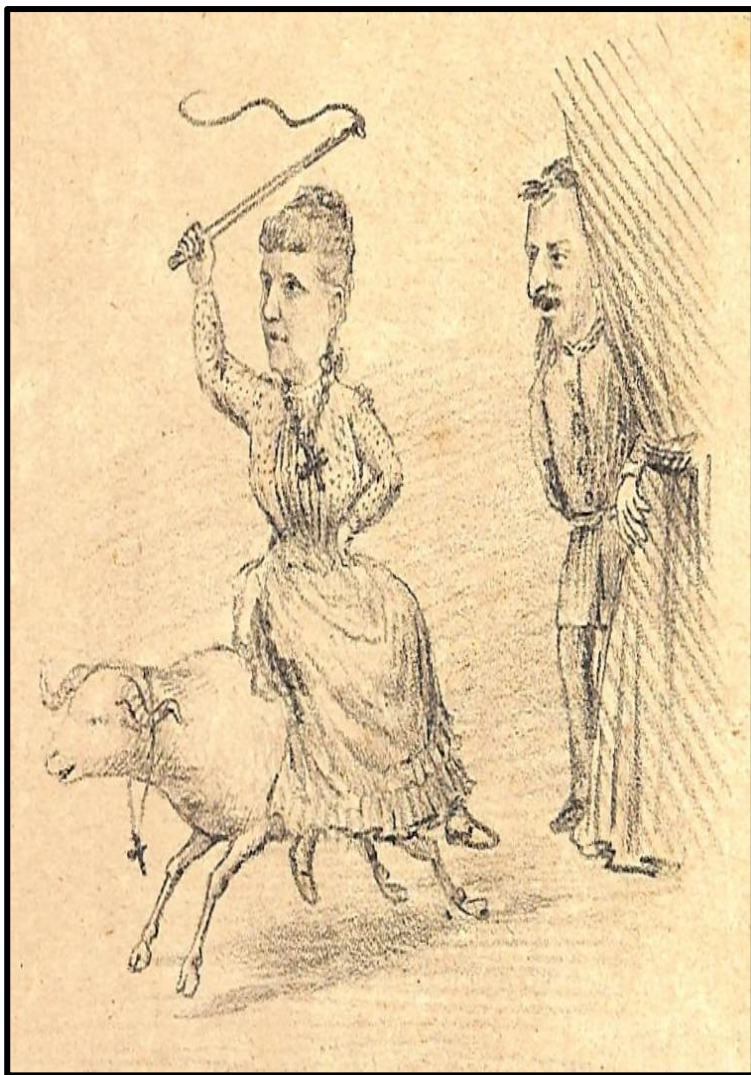




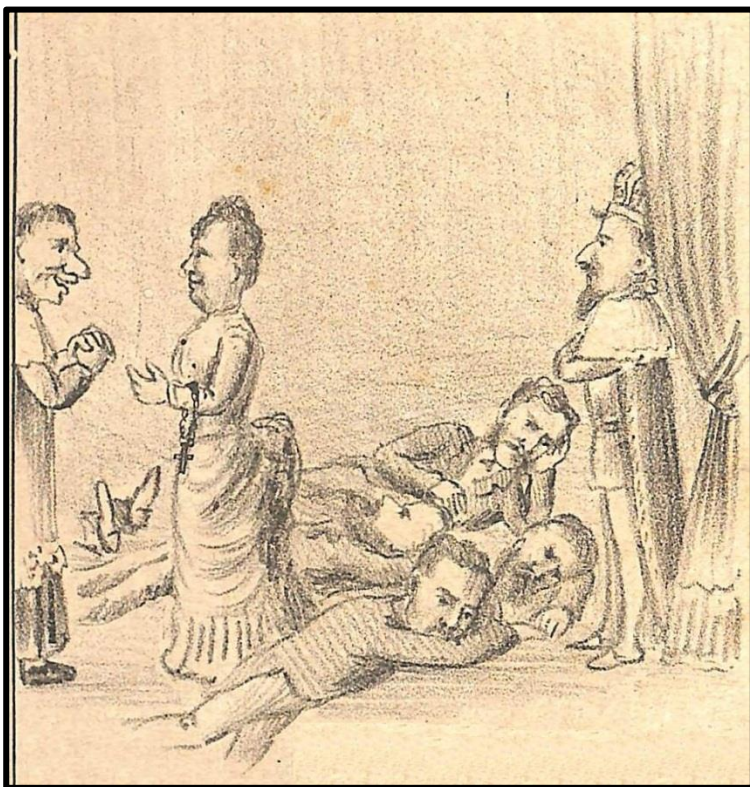
A publicação pelotense mostrava também Isabel montada em um carneiro com uma cruz ao pescoço, em alusão a uma suposta passividade do povo. Ela, igualmente portando uma cruz, guiava sua montaria

CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

com base na força do rebenque, enquanto seu esposo, o Conde D'Eu, observava sorrateiro. Segundo o hebdomadário estaria se preparando mais “uma tramoia”, com a princesa “obrigando os seus vassalos a serem governados pela prepotência”, além de vir a concluir que “a coroa governa por linhas travessas” (A VENTAROLA, 19 maio 1889). Em um conjunto caricatural, o periódico apontava que o governo estaria a preparar “alguma tramoia” para manter-se no poder, ao passo que, no parlamento discutia-se a questão da federação. Diante disso, considerava que a Monarquia não iria aceitar a federalização, e trazia ilustração na qual, Isabel aparecia conversando com um padre, denotando seu suposto “jesuitismo”, ao passo que a coroa ficava na cabeça do seu marido, o conde D'Eu, refletindo outra acusação do movimento republicano de acordo com a qual, com ascensão do III Reinado, o nobre francês governaria no lugar da princesa, ficando o poder imperial nas mãos de um estrangeiro. Na cena, os homens públicos limitavam-se a ficar deitados, em sinal da propalada inércia administrativa. De acordo com tal perspectiva, a folha afirmava: “A coroa manifesta que, de federação, nem pitada”, pois “acha-se perfeitamente sem ela”, de maneira que recomendava “que se fabrique *pão espiritual* para alimentar este Zé Povo” (A VENTAROLA, 2 jun. 1889).

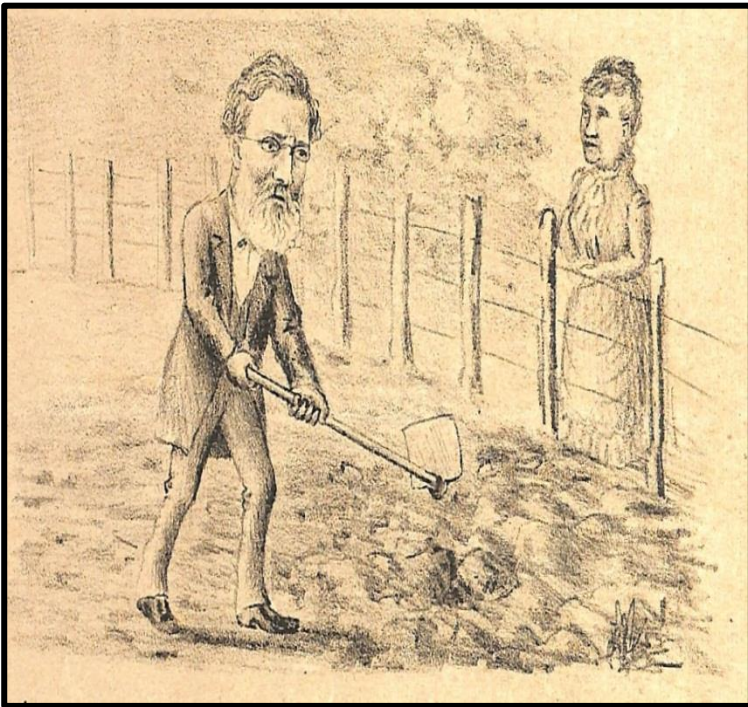


CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

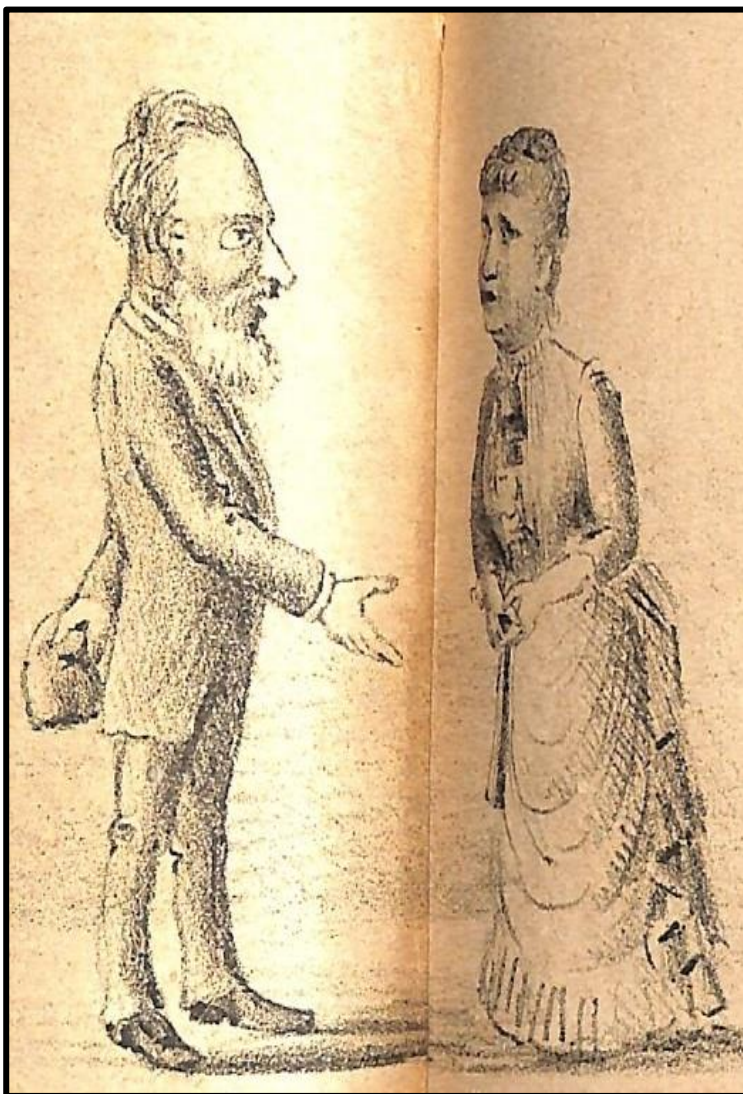


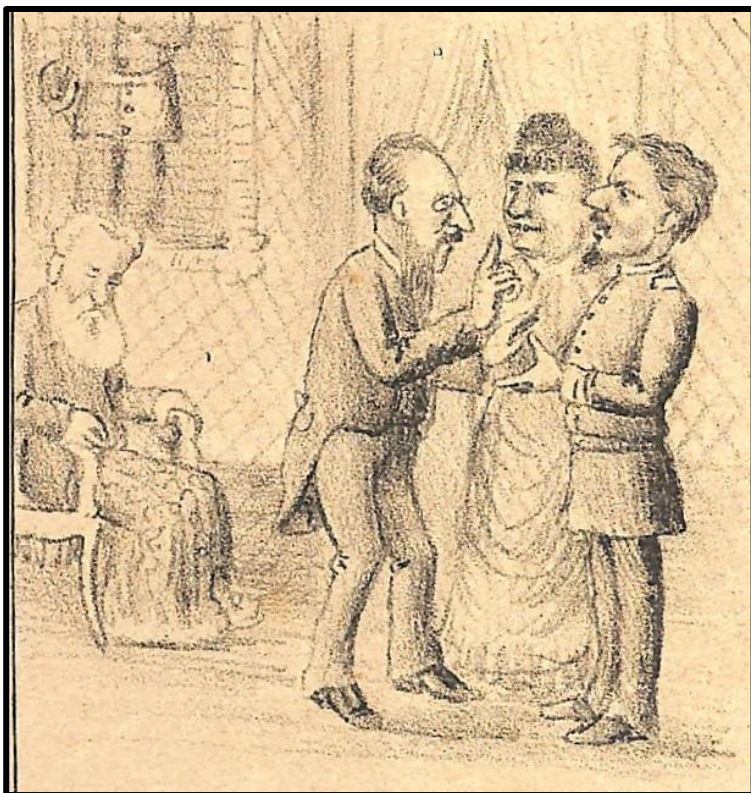
Com a queda dos conservadores e a ascensão dos liberais, a partir da formação do último gabinete imperial, houve a nomeação do político liberal Gaspar Silveira Martins para presidir o Rio Grande do Sul. Perante tal circunstância, a folha mostrava cena em que a princesa, do lado de fora de uma cerca, observava Silveira Martins trabalhando na terra, e conjeturava que “a nomeação de sumidades para presidentes de província, nada mais significava” do que um plano

“para aplainar terreno para o III Reinado”. Em seguida, para confirmar a perspectiva expressa, o periódico mostrava Martins confabulando com Isabel (A VENTAROLA, 23 jun. 1889). As acusações também se referiam à corrupção do governo monárquico, como ao mostrar tratativas do Conde D’Eu, acompanhado da princesa Isabel, enquanto D. Pedro II dormia tranquilamente, alheio aos acontecimentos, celebrando “um contrato de lucros mútuos entre as altas partes interessadas em reinar e governar...” (A VENTAROLA, 30 jun. 1889).



CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA
ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE





Assim, *A Ventarola* defendia ideias fortemente antimonárquicas, prevendo que “a república há de ser feita porque uma lei natural a ela nos impele”, já que, “como no abolicionismo, a ideia vai dia a dia tomando

CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

vulto” e “trazendo adeptos às nossas fileiras”¹⁰. Nessa direção lançou grande parte de suas energias de modo a desvalorizar o regime vigente no Brasil e deslegitimar suas ações. Além do próprio imperador, a princesa Isabel também exerceu o papel de antagonista nas páginas do semanário pelotense, aparecendo como a personificação do adversário, pois trazia em si a perspectiva da continuidade da Monarquia, com um possível III Reinado, repudiado plenamente pelos republicanos. Nessa linha, as acusações em relação à incompetência, incapacidade e corrupção governamental eram alocadas também em relação à princesa, sobre a qual também recaíam as críticas por seu propalado “jesuitismo” e o fato de estar casada com um estrangeiro, que, indiretamente, poderia vir a governar o país. Por ocasião da abolição, a folha caricata tomou todo o cuidado em evitar qualquer tipo de protagonismo para Isabel, visando a não vinculá-la com o processo que levou à execução da Lei Áurea. Desse modo, *A Ventarola* por meio de destaque a questões negativas e silenciamento no que tange a possíveis apreciações positivas, buscou criar uma imagem textual e iconográfica que desqualificasse ao máximo a herdeira do trono brasileiro, como uma forma de, em consonância com suas crenças político-ideológicas, promover o progressivo derruir monárquico.

¹⁰ Citado por: FERREIRA, 1962, p. 217.

D. Pedro II sob o olhar do *Bisturi*: da oposição à admiração

Após a extinção dos movimentos revolucionários, o Estado Nacional Brasileiro Imperial foi conquistando uma estabilidade política que, associada à prática agroexportadora, que se transformara em tradição do país, seria acompanhada de uma estabilidade econômica. Nesse sentido, na segunda metade do século XIX, o império tropical chegaria ao seu período de apogeu. Tal ambiente seria propício à expansão da liberdade de expressão do pensamento, notadamente aquela expressa por meio da imprensa. As leis restritivas continuavam valendo e a repressão não deixou de existir, mas houve uma certa suavização no tratamento e um afrouxamento na fiscalização das atividades jornalísticas.

Nessa conjuntura, houve espaço para a promoção do jornalismo crítico, em meio ao qual se espalharam pelo país as publicações ilustradas e humorísticas¹¹. Tais folhas não poupavam instituições e homens públicos em

¹¹ A respeito dessa expansão, ver: FLEIUSS, Max. A caricatura no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, 1917. t. 80. p. 583-609.; LIMA, Herman, *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; LOBATO, Monteiro. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo Brasiliense, 1955. p. 3-21.; e MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.

suas apreciações e, em tal quadro, nem mesmo o imperador escapava de tais ataques. Misto da estável situação nacional com o tom liberal que o governante intentava demonstrar em sua administração, ficou demarcada uma tendência de aceitação de parte de D. Pedro II para com as críticas que recebia dos periódicos ilustrados¹².

Nessa linha, a imprensa ilustrado-humorística voltada à difusão caricatural passou a divulgar a feição do monarca e de seus políticos, envolvendo-os em situações e cenários hilariantes. Suas frequentes viagens eram ridicularizadas, com os caricaturistas sendo impiedosos em suas reproduções, surgindo a figura do “monarca itinerante”. Também eram motes para os desenhistas do humor os estudos a que D. Pedro II se entregava apaixonadamente, como em relação à literatura comparada, à linguística, à geografia humana, à etnologia, à arqueologia e às línguas mortas, em quadro pelo qual, segundo a perspectiva do senso comum, tais saberes não se coadunavam com a política ou a vida cotidiana¹³.

O jornalismo que privilegiou a arte caricatural se expandiu pelo Brasil e chegou até o Rio Grande do Sul, onde, desde a década de 1860 até o final dos Oitocentos, circularam quase que ininterruptamente vários periódicos ilustrados e humorísticos. Um deles foi o *Bisturi*, que circulou na cidade do Rio Grande entre 1888

¹² TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. São Paulo: Documentário, 1976. p. 12-14.

¹³ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca dos trópicos*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 416 e 419.

CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

e 1893, de forma praticamente ininterrupta e, irregularmente, até 1915. Adepto do jornalismo crítico-opinativo e incisivo, como indicava o seu título, o semanário acompanhou as principais transformações políticas do país ao final do século XIX, mormente a abolição da escravatura e a transição da forma monárquica à republicana. Teve uma proximidade com o pensamento liberal, apoiando os governos de tal matiz e fazendo oposição aos de ascendência conservadora. Com a República, inicialmente apoiou a mudança política e os novos detentores do poder, imaginando a formação de um regime calcado na liberdade. O autoritarismo que dominou os primeiros tempos republicanos colocou o hebdomadário cada vez mais na oposição aos governantes, na esfera federal, permanecendo contrário às ações de Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, e com maior evidência ainda na estadual, com o sistema ditatorial engendrado por Júlio de Castilhos, ao qual o *Bisturi* não foi apenas um oposicionista, indo além, colocando-se, enquanto a repressão lhe permitiu, na resistência a tal estrutura¹⁴.

Desde as suas origens, o *Bisturi* trouxe em suas páginas alguns dos personagens que atuavam no cenário da política nacional e um deles foi D. Pedro II. Em um primeiro momento, o imperador esteve sob o olhar do semanário pelo viés crítico, ainda mais durante os governos conservadores embora não chegasse a ser uma crítica das mais incisivas. Com a mudança na forma de governo, as observações a respeito de Pedro II estiveram

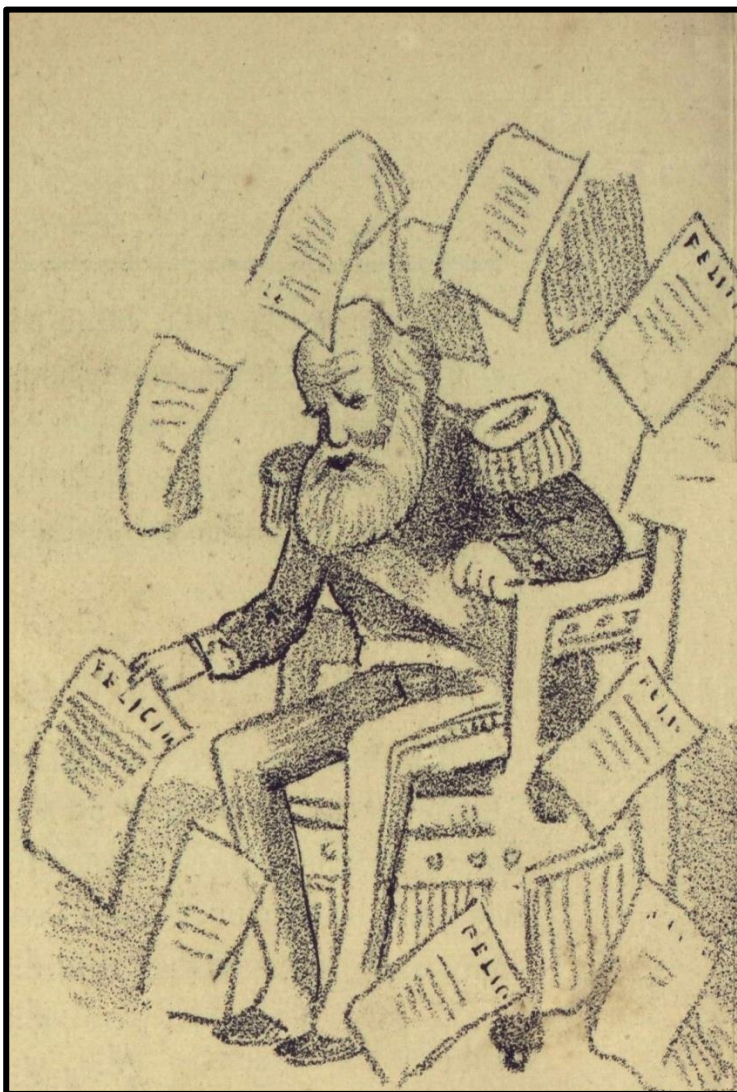
¹⁴ A respeito do *Bisturi*, observar: ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999. p. 219-243.

inicialmente vinculadas à perspectiva da derrota, apeado do poder e asilado. Outras inserções da figura do ex-imperador viriam a passar por uma transformação, surgindo uma admiração para com o antigo governante, essencialmente ligada a um tom saudoso das liberdades existentes durante a administração imperial, em comparação com as restrições impostas à imprensa no alvorecer da República.

Tendo em vista sua postura liberal, o *Bisturi* mostrou o gabinete conservador já nos seus estertores, tendo ampla dificuldade em equilibrar-se sob uma corda bamba, prenunciando uma breve queda. Em meio aos ministros, aparecia também um D. Pedro agarrando-se à corda para não cair junto de seus assessores. A legenda era sucinta e direta: “O ministério está custando a aguentar-se no balanço...” (BISTURI, 12 maio 1889). A imagem do imperador envelhecido e com limitações na execução de suas funções também apareceu nas ilustrações do hebdomadário rio-grandino, com a figura de Pedro II, que recentemente sofrera um atentado, não dando vencimento aos documentos que tinham de passar por sua apreciação (BISTURI, 28 jul. 1889).

CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA
ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE



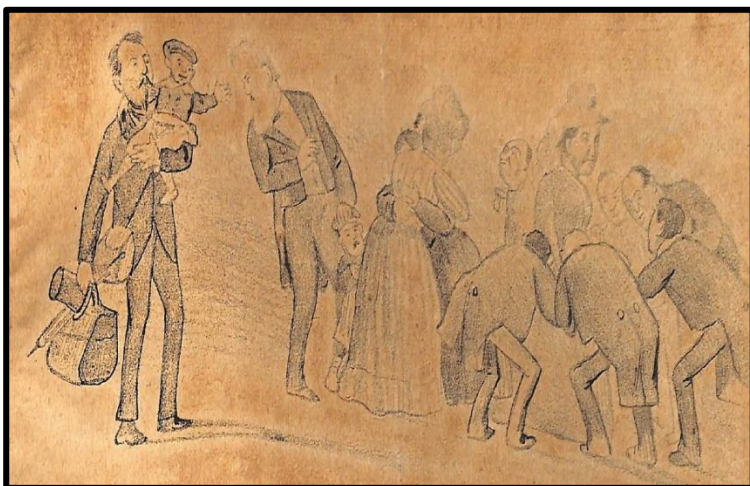


CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

Com o advento da República, o *Bisturi* deu ênfase à passividade do imperador derrubado do poder, com uma imaginária deposição realizada diretamente por Deodoro da Fonseca¹⁵ (BISTURI, 17 nov. 1889). Ele também aparecia acompanhado de seus familiares, pronto para embarcar em direção ao exílio. A cena era explicada pelo periódico com a legenda: “Já seguiu para a Europa toda a família imperial, entre uma murmuração de lágrimas gemidos, pobre Pedro II!” (BISTURI, 24 nov. 1889). Ainda nos primeiros meses sob a nova forma de governo, quando mantinha simpatias para com a situação vigente, a folha caricata rio-grandina saudava o fato de o novo regime proibir a concessão de comendas, comparando com as honrarias distribuídas à época imperial, trazendo a figura do próprio D. Pedro II, concedendo-as em profusão para sequiosos pretendentes. Nesse sentido se referia aos tempos monárquicos, quando “se recebia belas ‘teteias’, para muitos, objeto de maior veneração e respeito” (BISTURI, 19 jan. 1890).

¹⁵ Representação também abordada no último capítulo deste livro.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



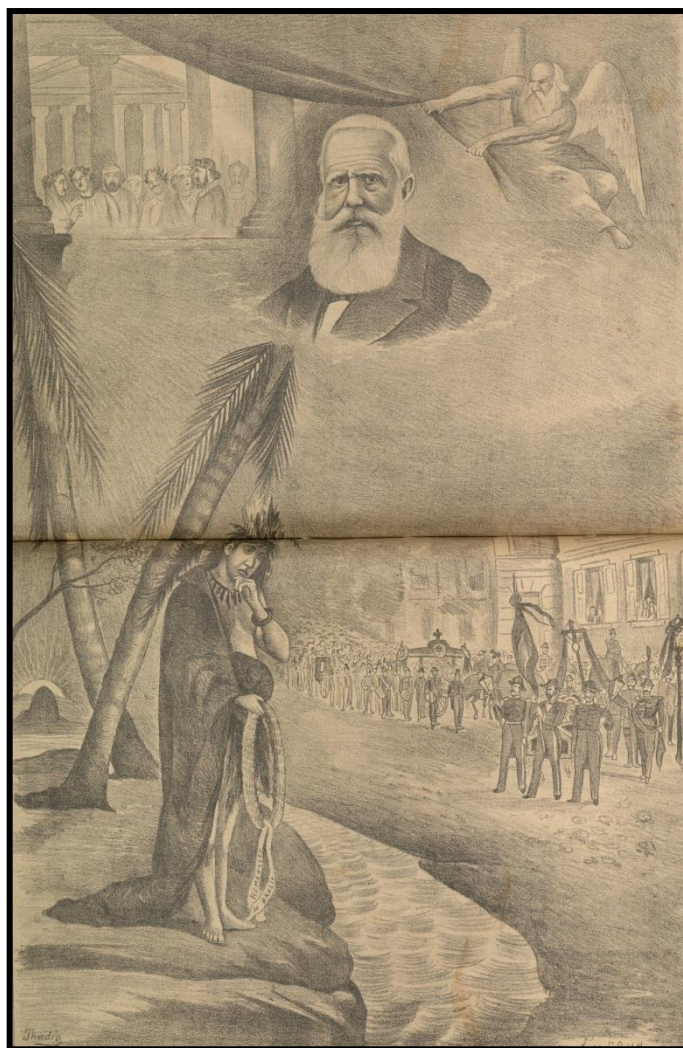
CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

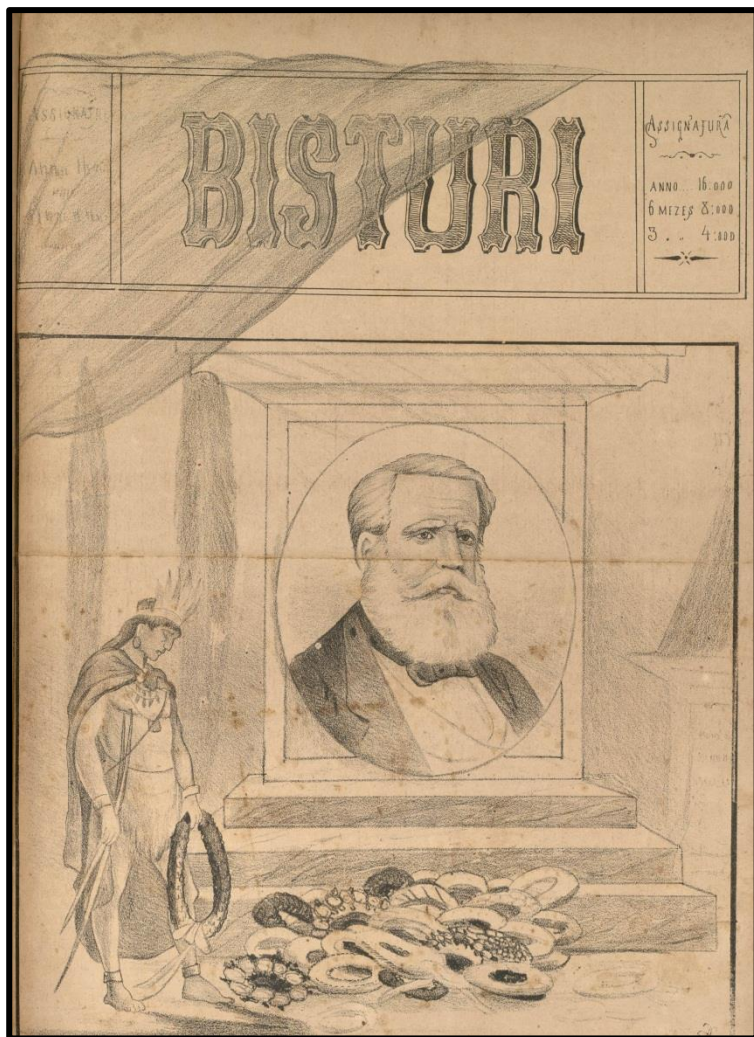


As decepções para com o novo regime trouxeram ao *Bisturi* uma renovação no olhar sobre D. Pedro II, voltado à admiração, como ficou notório por ocasião do seu falecimento. Perante o ocorrido, o periódico apresentou ilustração na qual o retrato do ex-imperador aparecia descortinado por uma representação da passagem do tempo, ao passo que, ao largo, apareciam vários pensadores, em alusão à propalada ilustração do estadista falecido, bem como, abaixo, era estampado um préstito e a figura do indígena que, como símbolo do povo brasileiro, dedicava ao morto uma coroa de flores, como sinal de seu lamento e veneração. A imagem era acompanhada pela inscrição “Homenagem de luto e dor prestada pelo *Bisturi* ao grande Pedro de Alcântara, ao

amigo da humanidade, a bondade e a força, a glória da nossa pátria e do nosso século". O semanário destacava ainda que "longe, muito longe da pátria idolatrada, terminou a sua existência gloriosa, no dia 3 do corrente, o nosso querido ex-monarca D. Pedro II". Destacava também que tal "nome, tão estremecido por todos os corações brasileiros, ainda não contaminados das podridões sociais", era então "pronunciado por entre o marulhar das lágrimas da humanidade assombrada e triste". Constatava assim que: "Pedro de Alcântara está morto! Quem não chora hoje a sua morte, quem não se revolta contra quem o exilou!...". Ao final, declarava que "o *Bisturi* deposita uma coroa de lágrimas no esquife modesto do ilustre brasileiro e volve em pesado crepe o seu bandolim de boêmio alegre, para chorar a sua morte" (BISTURI, 6 dez. 1891). Dois anos depois, em plena crise revolucionária, a publicação ilustrada rio-grandina repetiria o gesto, trazendo o retrato de Pedro II em sua primeira página, cujo frontispício aparecia coberto de crepe e, em meio às coroas de flores, mais uma vez estava o índio/Brasil depositando a sua homenagem àquela personalidade política, com a ilustração acompanhada do dizer: "No aniversário da morte de Pedro II, depositamos a nossa coroa de lágrimas sobre a sua sepultura" (BISTURI, 3 dez. 1893).

CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA
ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE





Desse modo, a publicação destinada à arte caricatural rio-grandina acompanhou a seu modo a tendência do conjunto da imprensa ilustrada e

CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

humorística brasileira, que, aproveitando o momento de liberdade de expressão vivido pelo país, deu vazão ao seu espírito crítico, de modo que até mesmo o imperador transformou-se em um dos alvos de textos e desenhos satíricos. Nessa época, a imagem do velho monarca de longas barbas brancas, a qual fora consagrada pela representação oficial, também teve na caricatura um grande modelo de difusão, refletindo acerca de um personagem que revelava certo cansaço. Nessa linha, o humor cumpria um duplo papel, pois, por um lado, ainda que jocosas, as caricaturas geravam uma certa simpatia em relação a um governante retratado a partir de suas fragilidades, ao passo que, por outro, ele ficava exposto à chacota pública, demonstrando certas fraquezas dele próprio e da forma de governo que representava¹⁶. Por meio da imagem de D. Pedro II, o *Bisturi* manifestava alguns dos conflitos discursivos e imagéticos que sustentou durante sua existência, uma vez que, à época monárquica, criticou as estruturas vigentes, principalmente durante as administrações conservadoras, já depois da República, manteve a óptica crítica sobre o governante, enquanto acreditava nas novas ações governamentais, até que viria a sua decepção com o autoritarismo dos novos donos do poder, de modo que a memória do imperador passava a servir como uma estratégia para combater tais homens públicos e lutar pela retomada da liberdade de imprensa.

¹⁶ SCHWARCZ, 2008. p. 416, 420 e 424.

Construção e desconstrução da imagem de Deodoro da Fonseca nas páginas do *Bisturi*: de ídolo a adversário (1889-1891)

No Brasil, a transição da forma monárquica de governo à republicana, constituiu um processo histórico marcado por percalços. No campo econômico, as práticas governamentais instigaram a especulação financeira, a corrupção e o estímulo ao capital improdutivo, promovendo problemas cambiais para o país, a desvalorização monetária, a inflação e, em síntese, uma crise econômica sem precedentes. Já no que tange ao contexto político, as disputas pelo poder, as discordâncias ideológicas quanto ao modelo a ser empregado na construção da República e as práticas autoritárias colocadas em vigor pelos governantes, geraram amplas insatisfações que redundariam em focos revolucionários, com a guerra civil agitando o novo regime, por meio da Revolução Federalista e da Revolta da Armada. Nessa conjuntura, a figura do primeiro Presidente da República passaria por transformações quanto à opinião pública nacional, em um primeiro momento idealizado como o protagonista da mudança política, para, progressivamente, transformar-se no promotor-mor do autoritarismo no Brasil, vindo a culminar com a tentativa de golpe de Estado por ele perpetrada em novembro de 1891. A imprensa

acompanhou *pari passu* tal transmutação nos olhares lançados sobre Deodoro da Fonseca, como foi o caso do *Bisturi*, um dos representantes do periodismo ilustrado e humorístico brasileiro¹⁷.

Ao final do século XIX, a imprensa caricata rio-grandina encontrava-se em sua fase de maior apogeu. Através de uma visão crítica de mundo, este gênero praticava um jornalismo essencialmente opinativo que, por meio de textos e desenhos carregados de humor e ironia, apresentava, caricaturalmente, alguns dos mais importantes elementos constitutivos da sociedade retratada. Nesse sentido, as vivências coletivas e as relações sociais, econômicas, políticas e ideológicas travadas no conjunto da comunidade rio-grandina, sul-rio-grandense e brasileira vinham a público através das páginas daquela imprensa.

O Amolador, *O Diabrete*, o *Maruí*, *A Semana Ilustrada*, a *Comédia Social*, o *Bisturi* e *O Rio Grande Ilustrado* foram algumas das folhas caricatas que circularam na cidade do Rio Grande nas últimas décadas do século XIX. Por essa época a imprensa rio-grandina como um todo passava por uma etapa de amplo desenvolvimento, sendo publicados desde os periódicos diários, de circulação regular e perenes existências, até uma pequena imprensa, cujos representantes, em geral,

¹⁷ Texto ampliado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. De “herói proclamador” a “tirânico ditador”: a construção da imagem de Deodoro da Fonseca junto à imprensa caricata rio-grandina. In: ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique (orgs.). *Anais do VIII Ciclo de Conferências Históricas*. Rio Grande: FURG, 1999. p. 43-60.

CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

foram jornais com edições irregulares e curtos períodos de sobrevivência.

Os periódicos caricatos foram típicos representantes dessa pequena imprensa rio-grandina¹⁸, e trouxeram à prática do jornalismo um atrativo a mais na conquista dos leitores, ou seja, a utilização da imagem, instrumento mais direto e incisivo na veiculação da mensagem jornalística¹⁹, atingindo um público ainda maior, tendo em vista o apelo popular e a possibilidade de entendimento dos pouco letrados e até, em menor escala, dos analfabetos²⁰. Assim, a associação entre imprensa e caricatura rendeu proveitosos frutos às lides jornalísticas, tendo o desenho de humor envolvido mais o seu consumidor e forjado seus horizontes históricos, adquirindo os meios impressos um conteúdo próprio, natural e obviamente original²¹. Desse modo, ao lado do jornalismo dito sério, na urbe portuária, reproduzindo um fenômeno que se dava também nas principais cidades brasileiras e gaúchas, os hebdomadários caricatos, por meio do humor, da ironia e da crítica,

¹⁸ Sobre o conjunto desta pequena imprensa, ver: ALVES, Francisco das Neves. *Uma introdução à história da imprensa rio-grandina*. Rio Grande: FURG, 1995.; e ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999.

¹⁹ BAHIA, Juarez. *Três fases da imprensa brasileira*. Santos: Ed. Presença, 1960. p. 39.; e FLEIUSS, Max. A caricatura no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo 80. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917. p. 609.

²⁰ MELLO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 120-121.

²¹ BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1990. v. 1. p. 129.

conferiram um colorido mais vivo e um ritmo mais alegre²² à conjuntura da imprensa rio-grandina daquela época.

Um dos mais importantes jornais caricatos rio-grandinos foi o *Bisturi*, semanário que manteve sua circulação regular entre 1888 e 1893, embora tenha sido editado com interrupções até a metade da segunda década do século XX, e que refletiu através de suas páginas um universo de reações perante o agitado momento que vivia o país daquele momento, caracterizado pelas mudanças institucionais e crises político-ideológicas e revolucionárias que marcaram o cenário nacional na passagem da Monarquia à República²³.

A exemplo de vários dos jornais rio-grandinos – que receberam a nova forma de governo com certo entusiasmo, ou, pelo menos, com alguma aceitação, mas, pouco a pouco foram se decepcionando com nova situação vigente²⁴ – o *Bisturi* aplaudiu o 15 de Novembro, imaginando que se formaria uma República calcada no “amor”, na “felicidade” e na “liberdade” da

²² FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 13.

²³ Sobre o *Bisturi*, ver também: ALVES, Francisco das Neves. O *Bisturi*: imprensa oposicionista na cidade do Rio Grande (1888-1893). In: ALVES, F.N. & TORRES, L.H. (orgs.). *Pensar a Revolução Federalista*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1993. p. 53-63.

²⁴ A respeito dessas reações para com a nova forma de governo, observar: ALVES, Francisco das Neves. *Que tipo de República?* – a implantação da nova forma de governo sob o prisma da imprensa rio-grandina: da aceitação à decepção. In: ALVES, F.N. (org.). *Por uma história multidisciplinar do Rio Grande*. Rio Grande: FURG, 1999. p. 237-241.

CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

pátria, no entanto, alguns meses depois daquela data, o semanário já manifestava sua insatisfação com os novos detentores do poder, mormente no que tange às atitudes autoritárias dos mesmos. A partir de então e até o encerramento de sua circulação regular, o periódico se colocaria abertamente em oposição e mesmo na resistência àqueles governantes, considerados como deturpadores da “verdadeira república”.

Nesse quadro de manifestações diversas quanto à forma de governo instaurada a 15 de novembro de 1889, o *Bisturi* atuou direta e incisivamente na formação da imagem de vários dos personagens da vida política de então, plasmando identidades e criando formações discursivas que permeavam através de si as visões a respeito do opositor/adversário em contraposição ao aliado/partidário. Nessa linha, Deodoro da Fonseca, foi um dos personagens retratado sob aqueles dois prismas, ou seja, primeiramente, como o “herói proclamador”, a época do entusiasmo com a recém-formada República, e, depois, como “tirânico ditador”, quando o semanário já manifestava abertamente sua decepção com os rumos políticos do país. Assim, a imagem do primeiro Presidente da República foi modificando-se e, à medida que seu comportamento autoritário tornava-se mais declarado, proporcional era o crescimento das críticas no periódico caricato rio-grandino, até ser apontado como um dos grandes inimigos e destruidor das instituições brasileiras. Uma incursão ao mundo simbólico dessas caricaturas²⁵, inter-relacionando-as com o contexto

²⁵ As afirmações quanto ao caráter simbólico das caricaturas apresentadas são abordadas a partir de: CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 5.ed. Rio de

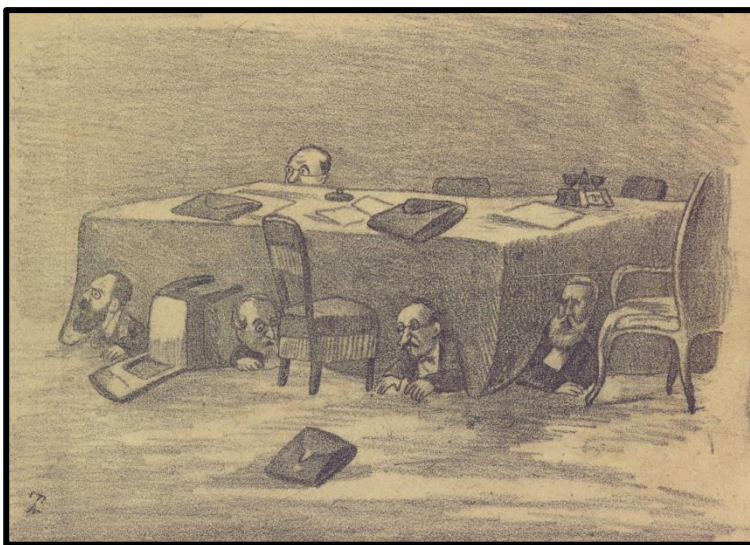
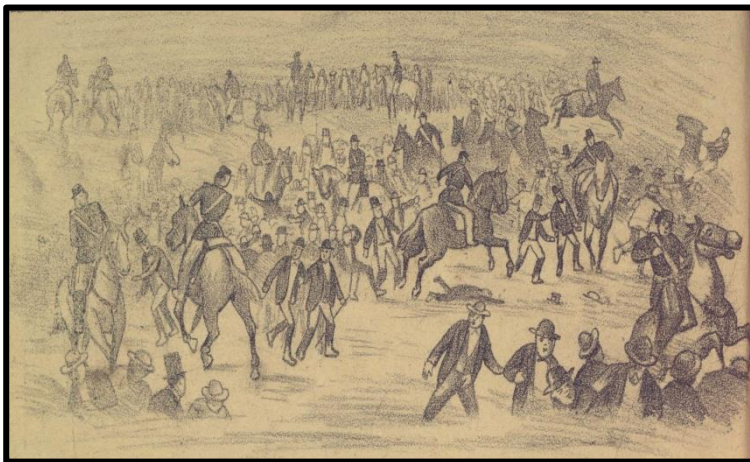
histórico no qual foram a público, permite uma melhor compreensão desse verdadeiro conflito discursivo que, ao lado do confronto político-partidário e do enfrentamento bélico, marcaram a vida brasileira na agitada transição Monarquia-República.

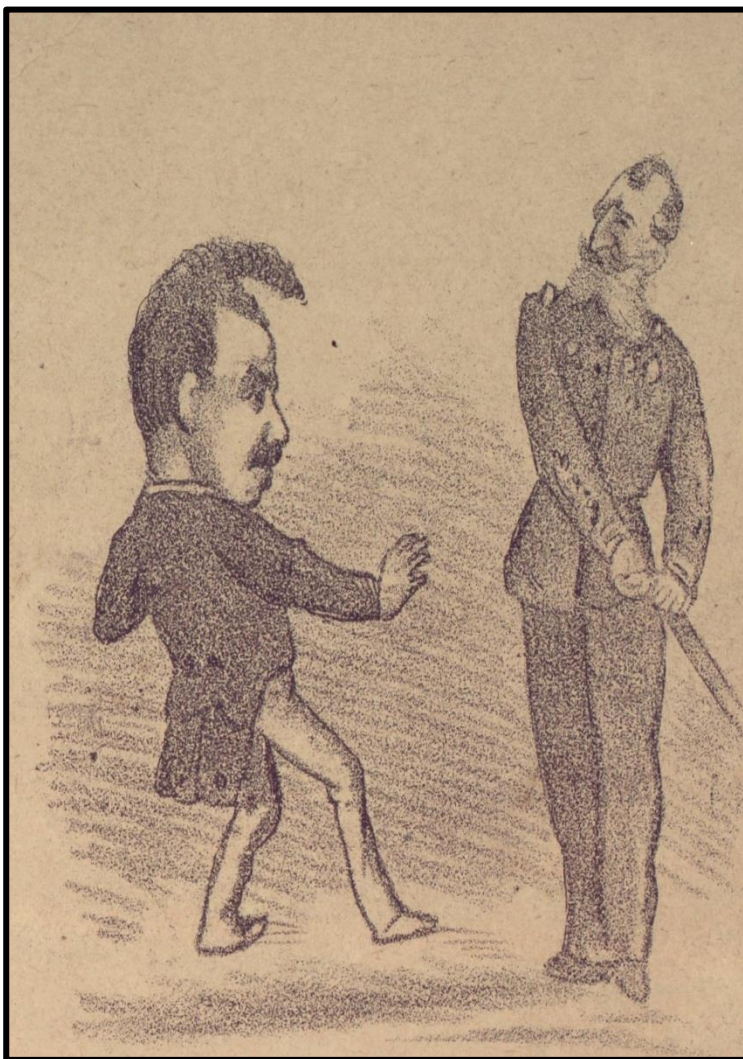
O anúncio da República deu-se nas páginas do *Bisturi* através de uma série de informações desencontradas, advindas das próprias dificuldades de então de se obter notícias mais precisas a respeito do assunto. Ainda, assim, já nessas primeiras manifestações, Deodoro da Fonseca desempenhava papel primordial naquele quadro de mudanças, sendo apresentado como elemento ativo e verdadeiro motor das transformações institucionais pela quais o país estava passando (BISTURI, 17 nov. 1889). Nesse sentido, a figura de Deodoro foi valorizada como aquela que realmente desencadeou a nova forma de governo, de maneira que o proclamador é representado também como aquele que, diretamente, serviu ao afastamento dos indivíduos ligados à forma decaída, como ao aparecer “conferenciando” ao Imperador sobre a Proclamação da República e intimando e “prendendo” Afonso Celso, o responsável pelo último gabinete imperial. Além disso, a folha transcrevia as seguintes mensagens telegráficas: “Grande sarilho republicano na Corte – Tropa revolta – Deodoro passeia com o Exército pelas ruas – Grande agitação na cidade”. Todas essas informações eram acompanhadas por caricaturas e, para não fugir ao seu característico humor, o hebdomadário apresentava os governantes apeados do poder, escondidos sob a mesa

Janeiro: José Olympio, 1991.; e CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes, 1984.

CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

ministerial, com a legenda: “Ministério oculto – Deodoro assume direção do Estado”.



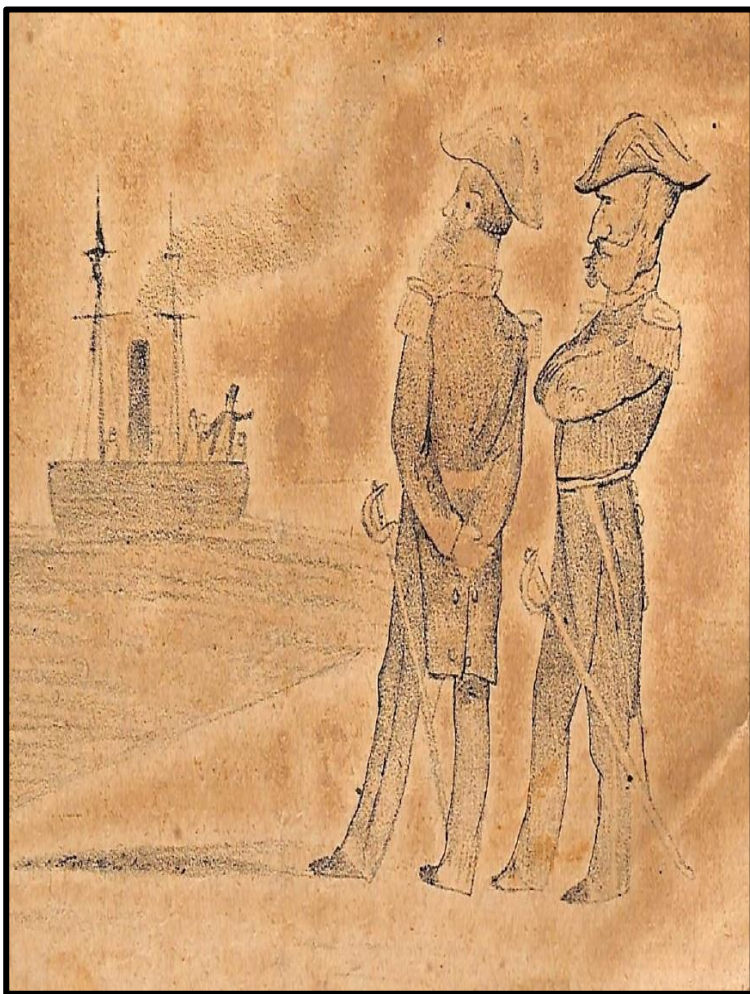


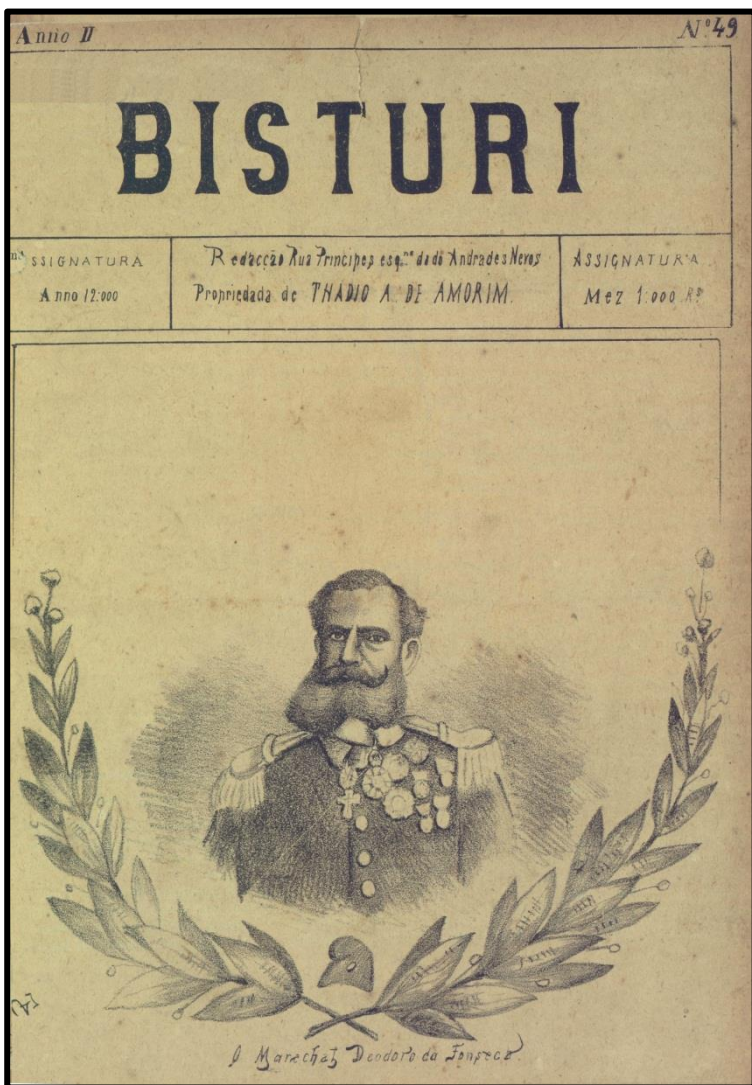
CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA
ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE



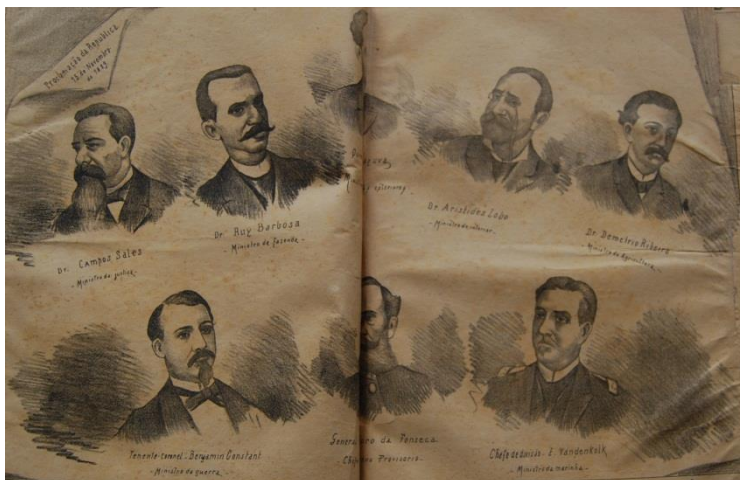
Em outro registro iconográfico, um altivo Deodoro, ao lado de outro militar, no cais do porto, observava os ministros decaídos do poder se afastando do país (BISTURI, 24 nov. 1889). Nesse momento de entusiasmo para com a nova forma de governo, o *Bisturi* escolheu o marechal Deodoro da Fonseca como a figura política que personificava a instauração da República, dedicando-lhe, a 1º de dezembro de 1889, homenagens na sua “página de honra” e afirmando que o “fato glorioso do dia 15 de Novembro” imortalizara o “benemérito da pátria”, de modo que “o seu nome perduraria para sempre na história das grandes conquistas do progresso” brasileiro. Naquela data, o retrato do primeiro presidente aparecia emoldurado por uma coroa de louros, que é a representação visível de um sucesso, de um coroamento, que passa do ato ao sujeito criador da ação. Uma semana depois, a homenagem estendia-se, sendo publicado o desenho de Deodoro acompanhado de membros do primeiro Governo Provisório. Além disso, o primeiro Presidente da República exerceu mais uma vez uma posição de protagonismo, ao empunhar sua espada para atuar contra as propaladas atitudes do Vaticano em oposição à separação da Igreja do Estado, a qual seria uma das primeiras orientações da nova forma de governo. (BISTURI, 15 dez. 1889).

CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA
ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE



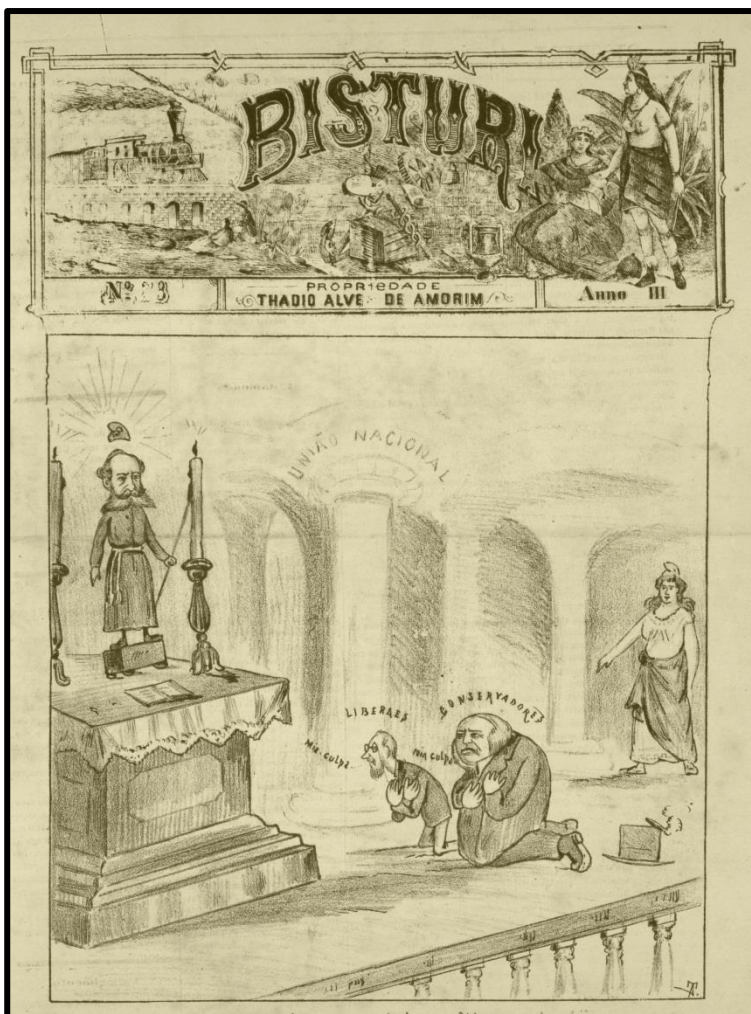


CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE



Já em 1890, a folha caricata rio-grandina continuava apoiando o governo do marechal e apresentava uma figura na qual a representação feminina da República, ou seja, a dama do barrete frígio e vestida à romana, anunciava ao primeiro presidente a presença de dois representantes dos artigos partidos imperiais, afirmando: “Lá estão eles, no altar da pátria” (BISTURI, 29 jun. 1890). No desenho, liberais e conservadores apareciam representados em uma posição de inferioridade e de súplica em relação ao governante máximo da República, ambos reconhecendo suas “falhas” para com o país, declarando um “*mea-culpa*”. Deodoro aparecia quase como uma figura divina, com um barrete frígio iluminando e pairando acima de sua cabeça, sendo “adorado” no altar da pátria. Nesse sentido, o altar é o microcosmo e o catalisador do sagrado, para o qual convergem todos os gestos litúrgicos, todas as linhas arquitetônicas. Reproduzindo em miniatura o conjunto do templo e do universo, o altar constitui o recinto em que o sagrado se condensa com o máximo de intensidade e é nele que se realiza o sacrifício, tornando-o sagrado, por isso aparece como o ponto mais elevado em relação a tudo que o rodeia. Em síntese, o altar simboliza o recinto e o instante em que um ser se torna sagrado, onde se realiza uma operação sagrada.

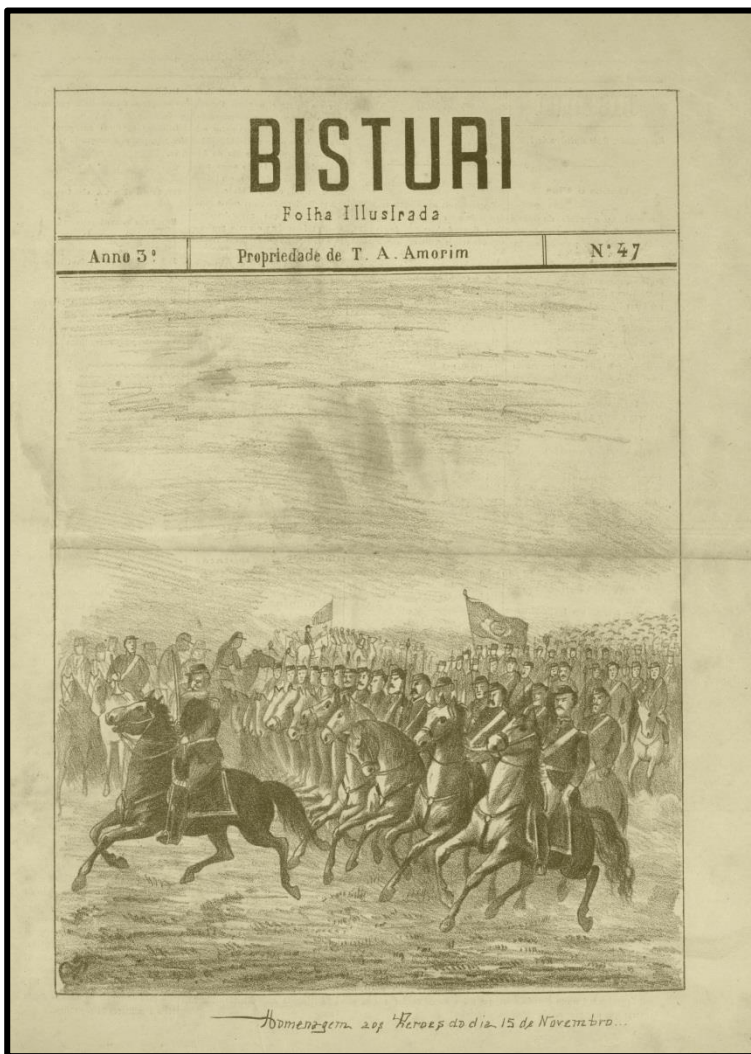
CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA
ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE



O crédito da folha ilustrada e humorística rio-grandina ainda se encontrava em alta, tanto que apontava a figura presidencial como aquela que poderia resolver uma reivindicação histórica da cidade, quanto ao melhoramento do acesso marítimo, fundamental em e tratando de uma localidade comercial. Nessa linha, Fonseca mais uma vez aparecia de espada em punho, pronto a desatar “o nó górdio”, que representava a “barra da Província”. Ao final de 1890, o *Bisturi*, apesar de reconhecer o período de crise que se anunciava, ainda acreditava nos rumos da República e Deodoro permanecia sendo uma das figuras destacadas pela folha caricata, como ao apresentar uma verdadeira parada militar, liderada pela marechal, em uma “Homenagem ao heróis do dia 15 de Novembro” (BISTURI, 9 out. 1890). Tais “heróis” foram apresentados como figuras imponentes que, sob a proteção da bandeira nacional, desfilavam em suas montarias, liderados pelo marechal. Nesse caso, a gravura trazia em si a representação da vitória, uma vez que os retratos equestres glorificam um chefe vitorioso, constituindo-se em um símbolo de seu triunfo e de sua glória, pois, assim como ele doma sua montaria, dominou forças adversas.

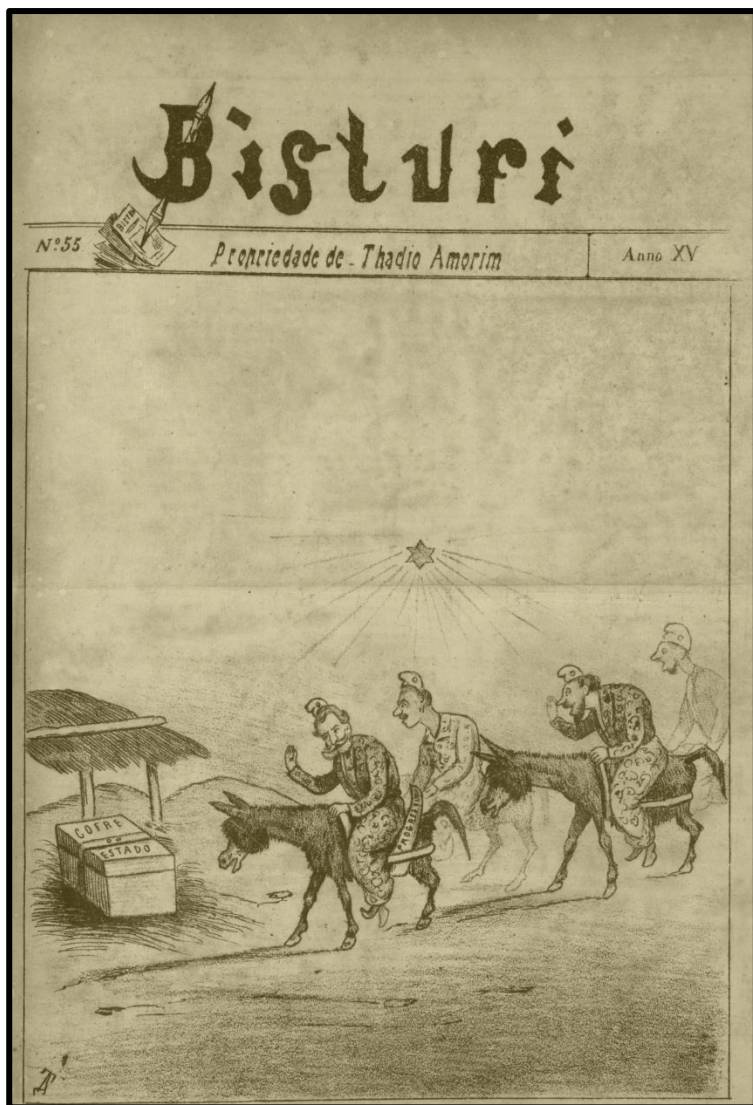
CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA
ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE





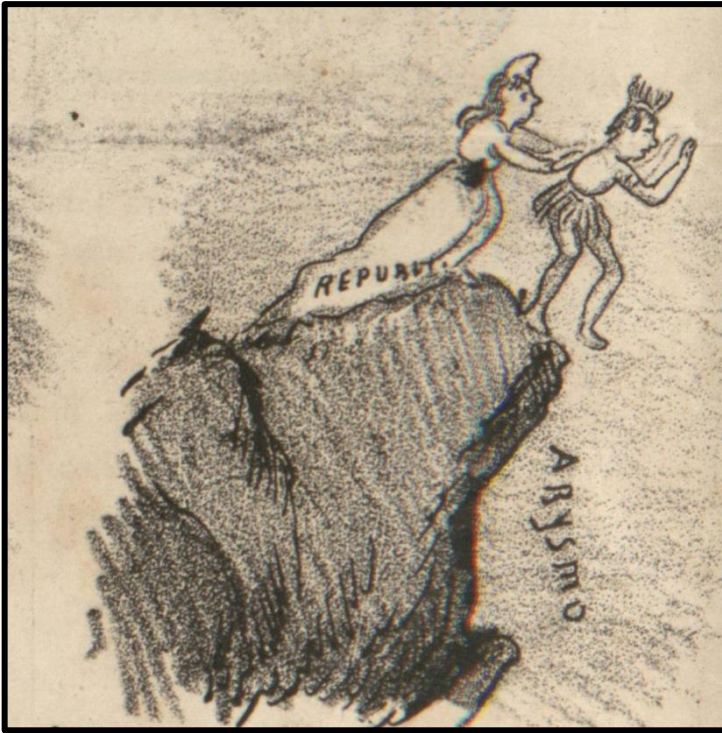
CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

O apoio e a admiração do *Bisturi* para com o primeiro mandatário do país não passariam dos primórdios de 1891. A partir do autoritarismo que marcava as atitudes governamentais tanto na esfera federal quanto na estadual, o periódico começou a colocar-se em uma oposição frontal aos novos detentores do poder. O marechal Deodoro passou a ser alvo de críticas mordazes, centradas em suas medidas autoritárias e nos desmandos financeiros que estariam tomando conta do Brasil. Os ataques concentravam-se na corrupção do governo do primeiro presidente, como ao mostrar Deodoro acompanhado de outros republicanos, todos montados em mulas, as quais representavam a lentidão que estaria marcando o “progresso” do país. Eles seriam os “Reis Magos”, só que, em vez de adorar o “Deus-Menino”, buscavam satisfazer suas ambições adorando o “Cofre do Estado” (BISTURI, 11 jan. 1891). O desenho era descrito pela afirmação: “Os Reis Magos adoram o Deus menino...”. Em um conjunto de caricaturas, o hebdomadário mostrava o bobo da corte tentando abrir os olhos do índio que representava o Brasil, no caso o republicano, tendo em vista o barrete frígio que vestia, para que visse que todos os políticos eram iguais, como seria o caso do próprio Deodoro, que aparecia devorando o orçamento junto de seus sectários, em um quadro de desatinos e malfeitos, que o indígena acabava por ser empurrado penhasco abaixo pela dama que representava a nova forma de governo (BISTURI, 18 jan. 1891).



CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA
ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

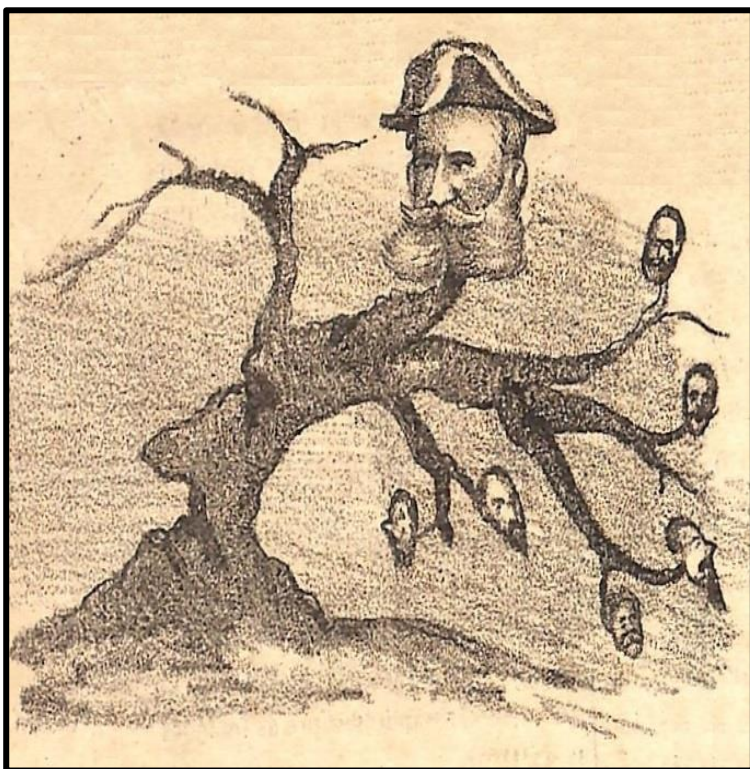


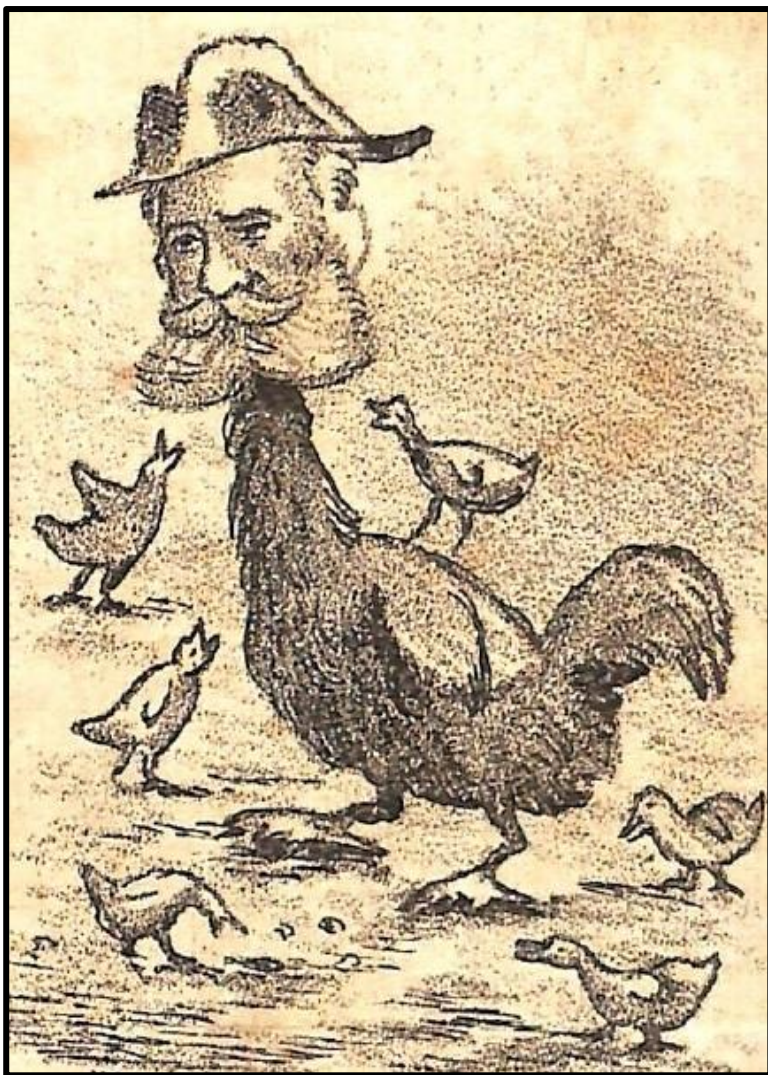


O presidente era visto como uma árvore decrépita e apodrecida, pronta para cair, assim como ocorreria com o seu ministério. Deodoro era também apresentado como o pato que protegia a sua ninhada, ou seja, os seus apaniguados políticos. O “pato” foi uma das figuras mais utilizadas pelo *Bisturi* para adjetivar pejorativamente os seus adversários, apesar das dificuldades em atribuir-lhe um simbolismo especial, o pato, nesse caso, tende a relacionar-se ao indivíduo simplório, paspalho ou bobo, buscando menosprezá-lo. Nessa linha, em uma denúncia ao “filhotismo” político

CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

que estaria sendo praticado pelo marechal, o semanário publicou várias caricaturas nas quais o “pato Deodoro” sustentava seus afilhados (BISTURI, 25 jan. 1891). O desenho era explicado pela legenda: “O generalíssimo afaga carinhosamente a nova ninhada”; e prosseguia: “e isto assim continuará, enquanto estiver nas mãos de S. Ex^{ma}. a chave do paiol do milho e da situação... patoteiro...”.





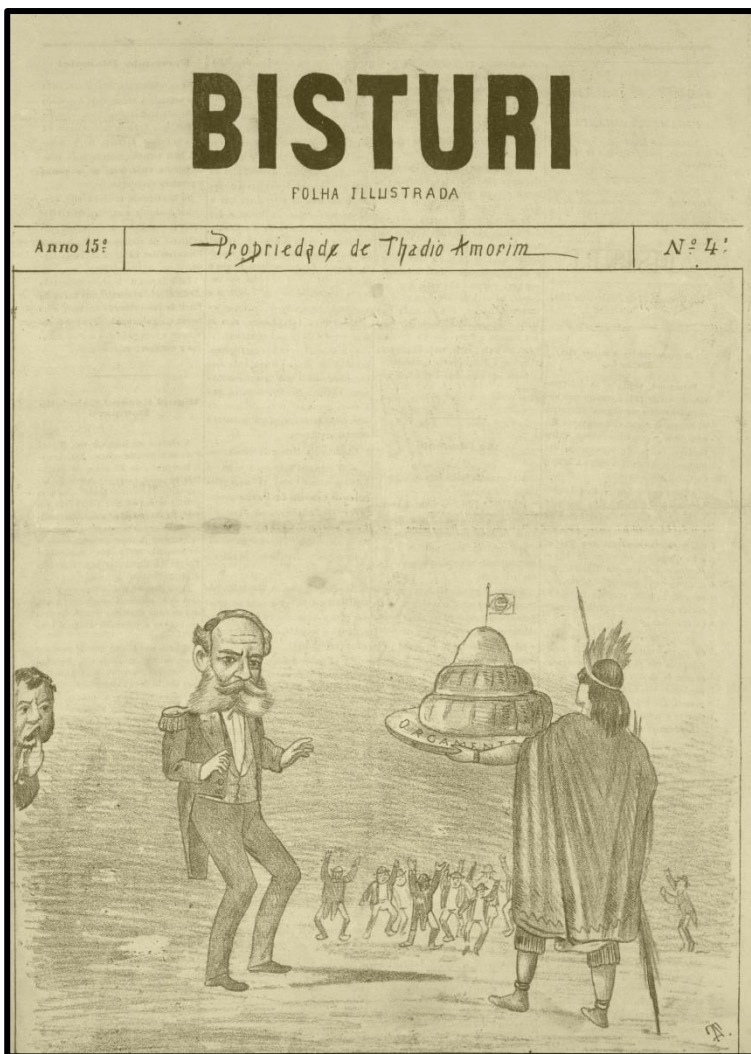
CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA
ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE



Nessa mesma perspectiva de combate à malversação das verbas públicas, a qual estaria arruinando as finanças nacionais, o hebdomadário caricato rio-grandino mostrava o presidente recebendo um “bolo” – o orçamento – da nação brasileira, simbolizada por um índio, diante dos políticos que festejavam, enquanto o “Zé”, representando o povo, nos

bastidores, observava (BISTURI, 31 jan. 1891). Sob a gravura aparecia o diálogo: “- País: ‘é seu este belo bolo generalíssimo, mas todo cuidado, não coma demais, ele é muito indigesto...’. – Deodoro: ‘não tenhas receio disso, não me faltará com quem dividi-lo’. – O Zé: ‘já sei... já sei...’”. Em outra caricatura, o *Bisturi* comparava a implantação da República com uma brincadeira, na qual Deodoro da Fonseca aparecia como soldadinho, com chapéu de papel e espada de madeira, ao passo que o cavalo que ele montava não passava de um brinquedo de pau. A esse respeito o semanário comentava que “A proclamação da República” constituíra “uma troça infantil para divertir o Zé” (BISTURI, 1º mar. 1891).

CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA
ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

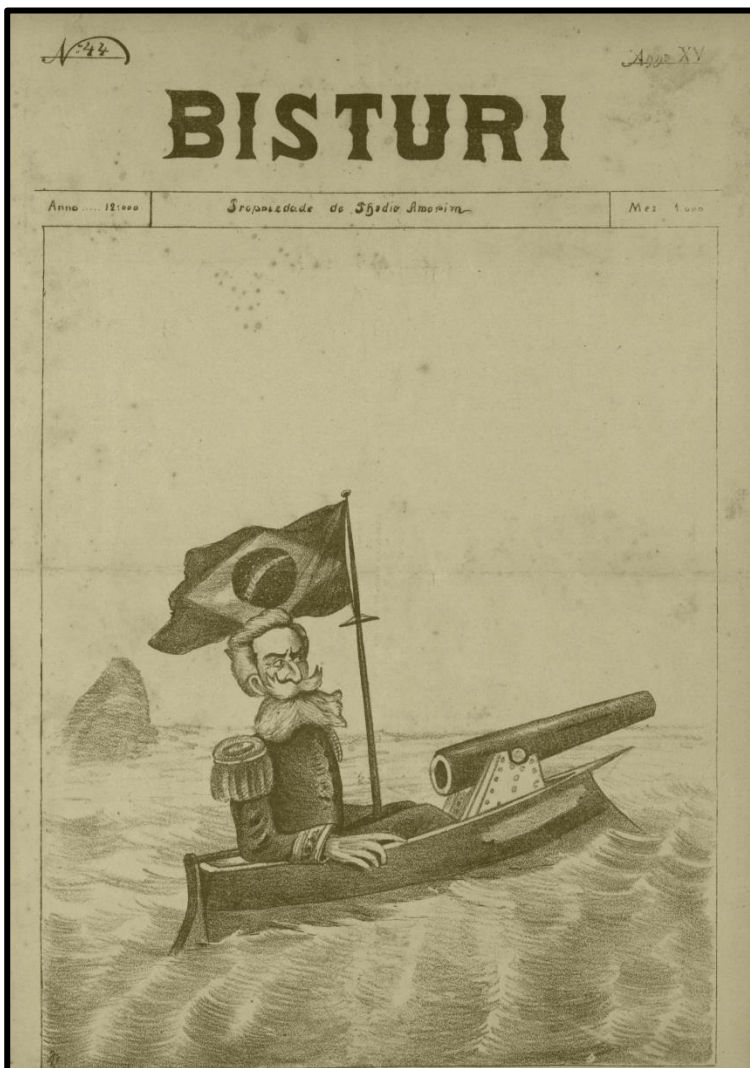




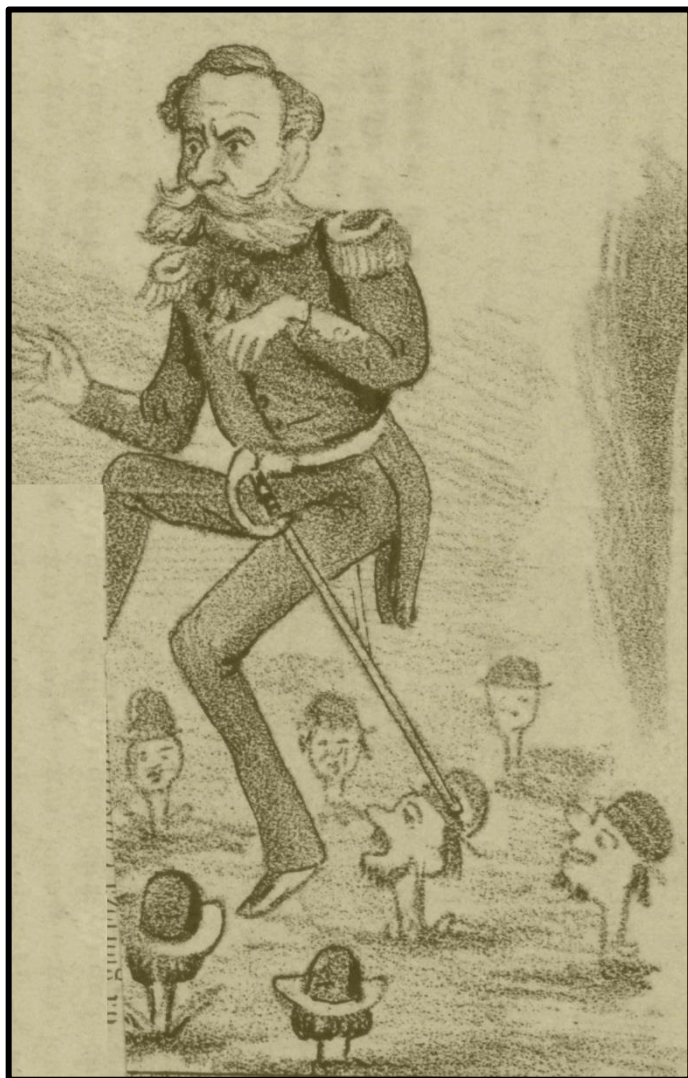
O autoritarismo de Deodoro da Fonseca acabaria por culminar com o golpe de Estado por ele perpetrado ao fechar o Congresso Nacional. O *Bisturi* se opôs abertamente a essa dissolução e atacou veementemente o governo, afirmando que “o chefe supremo”, como se fosse um “marinheiro inábil, navegando em batel apodrecido nos mares de um oceano encapelado”, e tendo por piloto um *lucena* estúpido, ignorante e mau, e por velas as folhas da gloriosa *Constituição*”, andava “desorientadamente entregue aos caprichos bestiais” e parecia “desejoso em reduzir a mísera *nau do Estado* a fragmentos imprestáveis”. A folha destacava a “triste condição” em que estava o país, mas, vaticinava que “não abusassem da paciência do povo brasileiro” e que não brincassem com o mesmo, pois “água mole em pedra dura..”. Tal texto era acompanhado de uma ilustração que mostrava o presidente em um pequeno barco com a bandeira nacional – representando o Estado

CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

Brasileiro -, munido de um canhão desproporcional ao tamanho da embarcação, em uma referência ao autoritarismo daquele governante. No desenho, Deodoro recebia um aviso do semanário: “Cuidado generalíssimo, os horizontes escurecem anunciando próxima borrasca!... A nau do Estado é muito pequenina e nova, não vamos ter alguma desgraça...”. Em outra ilustração, as reações contra o presidente eram representadas por indivíduos que saíam do chão, despertando o pavor de Deodoro, explicando o periódico que os opositores à atitude presidencial “crescem e multiplicam-se”, de modo que “o generalíssimo estremece de medo” (BISTURI, 8 nov. 1891).



CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA
ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE



Na data que marcava os dois anos de instauração da República, o jornal persistia nos ataques ao golpe efetuado pelo marechal-presidente, apresentando uma caricatura na qual o “Brasil”, mais uma vez representado por um índio, carregava uma cruz, amarrado e arrastado por Deodoro e seu ministro Lucena, em um ato de força e despotismo. O presidente golpista aparecia de chicote à mão e seu auxiliar montava um porco (a “ditadura”), tendo uma serpente enrolada ao pescoço, e ostentava a Constituição destruída. Sob a gravura, o periódico escrevia: “Os dois miseráveis algozes que, com requintada perversidade conduzem este país ao calvário de desonra! São os ‘judas’ da República”.



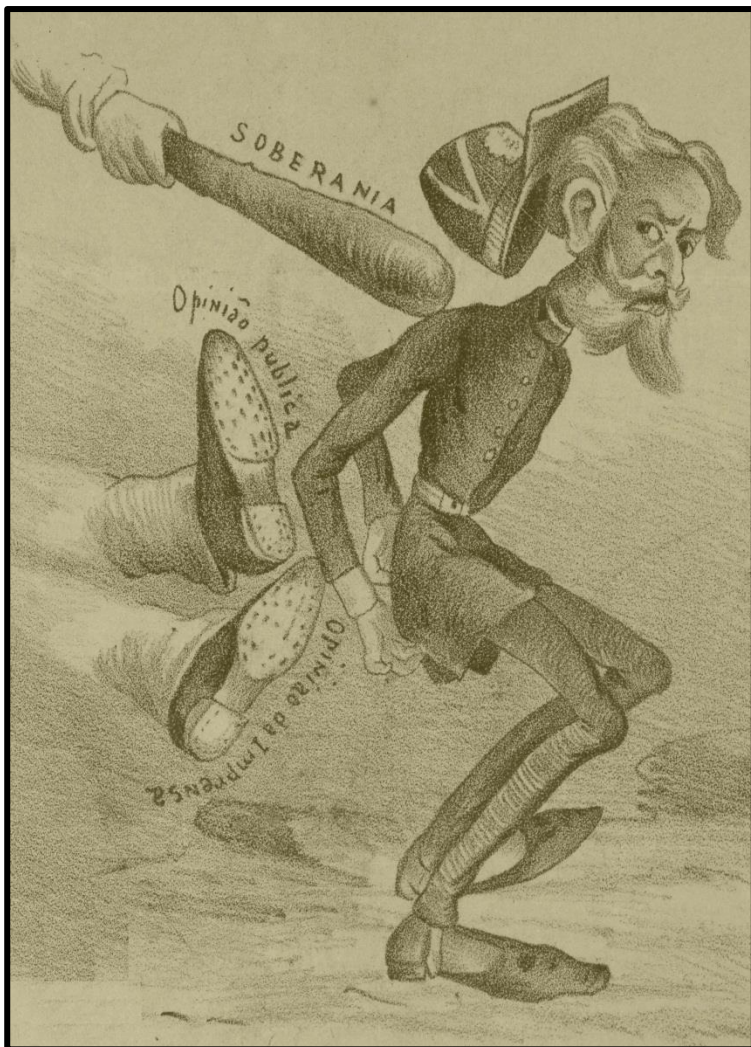
CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

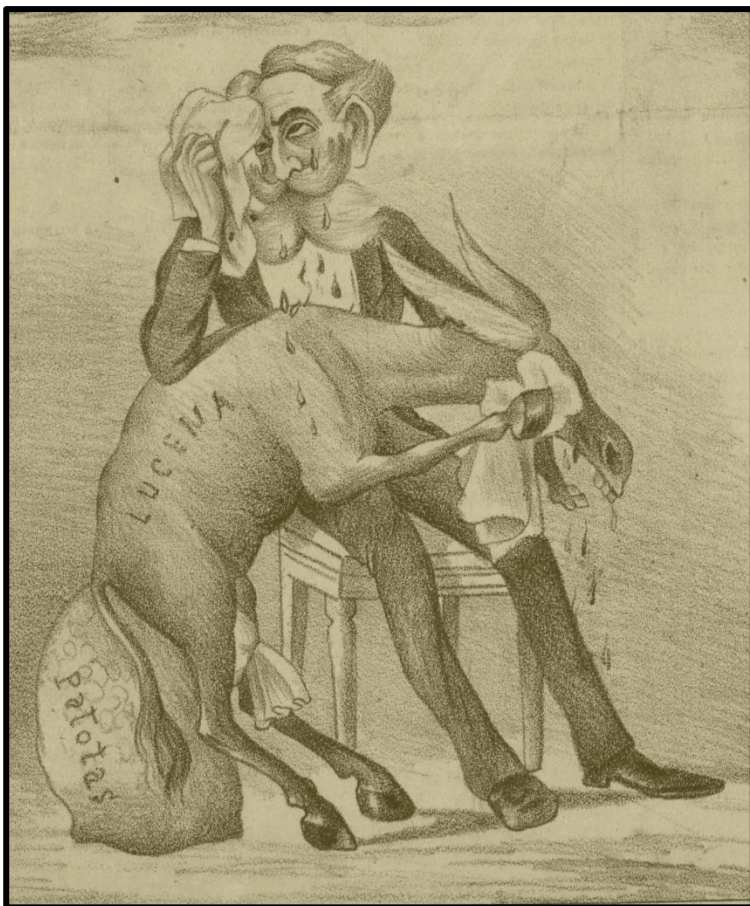
Essa caricatura é extremamente rica em simbolização, pois a crucificação do país referia-se ao sofrimento, enquanto que, ao empunhar o látigo, símbolo do castigo, do poder e do domínio e infringir uma flagelação ao Brasil, o governante é apresentado como aquele que pode destruir a nação através de seu autoritarismo. Já Lucena aparece associado a uma serpente, animal o qual desperta a desconfiança, pois lembra o avanço sinuoso do réptil que espreita suas vítimas para atacá-las com agressividade; bem como com um porco, que simboliza a comilança, a voracidade e que devora e engole tudo o que se apresenta, consistindo-se, enfim, no símbolo das tendências obscuras, sob todas as suas formas, da ignorância, da gula, da luxúria e do egoísmo. Assim, o país, na visão da folha, vinha enfrentando o seu “calvário”, ou seja, a sua provação, seu sofrimento e martírio, imposto pelos seus governantes, os “judas” que estariam traindo a causa da “verdadeira república”.

O *Bisturi* fez declarada campanha pela derrubada do marechal Deodoro, aplaudindo todas as atitudes nesse sentido. De acordo com essa perspectiva, na edição de 22 de novembro de 1891, o jornal apresentava duas caricaturas atacando Deodoro e prenunciando sua iminente derrubada. Na primeira, o presidente achava-se sendo atingido pelos “chutes” da “imprensa” e da “opinião pública” e pelo “porrete” da “soberania”, referindo-se à vontade do “povo” e à falta de apoio popular para com as atitudes daquele governante. Abaixo do desenho aparecia o escrito: “O generalíssimo traidor, ante a atitude enérgica e briosa do heroico povo brasileiro, sentiu lhe enfraquecer as pernas, caindo desastradamente”. Na segunda, Deodoro da Fonseca

chorava na companhia de seu ministro Lucena, o qual era representado por um asno sentado sobre um saco de “patotas”, referindo-se à ladroeira que estaria orientando as ações governamentais. O asno simboliza a ignorância, constituindo-se no emblema da obscuridade e até mesmo das tendências satânicas, indicando a busca de seduções materiais. Diante da inevitável queda, o presidente estaria afirmando: “Choremos, choremos juntos o nosso triste fim...”.

CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA
ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE





A vitória contra o presidente golpista viria em curto prazo e o hebdomadário rio-grandino aplaudiria com veemência a derrubada de Deodoro da Presidência da República. Porém a reincidência nas atitudes autoritárias por parte da nova autoridade máxima republicana, o marechal Floriano Peixoto, e o apoio deste

CONFLITOS IMAGÉTICOS E DISCURSIVOS NA IMPRENSA ILUSTRADO-HUMORÍSTICA SUL-RIO-GRANDENSE

ao castilhismo, que retornaria ao poder no Rio Grande do Sul, fariam com que a folha caricata permanecesse na sua postura de oposição e resistência para com os detentores do governo, tanto na conjuntura nacional quanto na estadual. As formas pelas quais o *Bisturi* retratou o marechal Deodoro da Fonseca, ao longo dos dois primeiros anos da forma de governo republicana, traduziram bem suas posições quanto ao contexto político brasileiro de então, ou seja, do aplauso que heroificava, glorificava e até mitificava a figura do proclamador, até a crítica, o ataque veemente e a chalaça que visavam a destruir aquela imagem e plasmar uma outra, estereotipando o despótico tirano, que destruíra e corrompia o país. Assim, de aliado de primeira hora, em pouco tempo, Deodoro transformara-se em um dos maiores inimigos da nação brasileira, ocorrendo uma inversão discursiva que intentava deslegitimar as formas de agir e pensar do governante. Na busca de uma almejada ou idealizada “verdadeira república”, Deodoro da Fonseca foi um dos personagens inseridos no rol de aliados e adversários que caracterizaram a formação discursiva do *Bisturi*, alicerçada no antagonismo para com o autoritarismo, constituindo-se, no conjunto da comunidade rio-grandina e até sul-rio-grandense, em uma das poucas publicações que ostentou abertamente um discurso de combate aos rumos que os primeiros governantes engendravam para a incipiente República Brasileira.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**



9 786553 060111

ISBN: 978-65-5306-011-1